FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCIMAIRA MATA DE ARAUJO
IVANICE DIAS OLIVEIRA
JESSIANE SILVA DE ARAUJO

***BULLYING* E O ESPAÇO ESCOLAR:** um estudo de caso na escola U. I. Alexandre Costa em Chapadinha - MA

Chapadinha
2018

FRANCIMAIRA MATA DE ARAUJO
IVANICE DIAS OLIVEIRA
JESSIANE SILVA DE ARAUJO

***BULLYING* E O ESPAÇO ESCOLAR:** um estudo de caso na escola U. I. Alexandre Costa em Chapadinha - MA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP para obtenção do grau de Licenciadas em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Sérgio César Corrêa Soares Muniz
Coorientador: Prof. Ms. Ricarte Almeida Santos

Chapadinha
2018

A663b

Araújo, Francimaira Mata de.

Bullying e o espaço escolar: um estudo de caso na escola U. I. Alexandre Costa em Chapadinha - MA. / Francimaira Mata de Araújo, Ivanice Dias Oliveira, Jessiane Silva de Araújo. - 2018.

66 f. : il.
Orientador: Prof. Ms. Sérgio César Corrêa Soares Muniz.
Coorientador: Prof. Ms. Ricarte Almeida Santos.
Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdade do Baixo Parnaíba, Chapadinha, 2018.

1. Psicologia educacional. 2. Bullying. 3. Ensino e aprendizagem. I. Oliveira, Ivanice Dias. II. Araújo, Jessiane Silva de. III. Muniz, Sérgio César Corrêa Soares (Orientador). IV. Santos, Ricarte Almeida (Coorientador). V. Título.

CDU 37.015.3(812.1)

Elaborada por Anilde Silva Carvalho – CRB/MA 691

FRANCIMAIRA MATA DE ARAUJO
IVANICE DIAS OLIVEIRA
JESSIANE SILVA DE ARAUJO

***BULLYING* E O ESPAÇO ESCOLAR:** um estudo de caso na escola U. I. Alexandre Costa em Chapadinha - MA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em:____/_____/_____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Ms. Sérgio César Corrêa Soares Muniz (Orientador)
Prof. Ms. Ricarte Almeida Santos (Coorientador)
(Faculdade do Baixo Parnaíba)

_____
Profª Ms. Jacira Freira de Sousa Bastos
(Faculdade do Baixo Parnaíba)

_____
Profª Esp. Enir Ferreira Lima
(Faculdade do Baixo Parnaíba)

AGRADECIMENTOS

Somos agradecidas em primeiro lugar a Deus, pela sabedoria que nos foi concedida na condução e finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos nossos familiares que nos motivaram e nos apoiaram para concluirmos com responsabilidade e compromisso nossa formação acadêmica.

A todos os nossos amigos e companheiros pela dedicação e ajuda de forma direta e indireta.

A todos os professores da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP, que colaboraram com a nossa vida acadêmica e muito nos ajudaram nesta conquista, sobretudo ao nosso orientador, professor Sérgio Muniz, pela atenção e ensinamento dado durante toda essa trajetória.

Enfim, somos gratas a todos que estiveram e estão presentes em nossas vidas, colaborando para que os nossos objetivos profissionais sejam alcançados.

“Prefiro ser um homem de paradoxos que um homem de preconceitos.”

(Jean-Jacques Rousseau)

RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar o *bullying* no contexto escolar e suas consequências no processo de ensino e aprendizagem na Unidade Integrada Alexandre Costa, em Chapadinha – MA. A investigação foi fundamentada na compreensão histórico-cultural que avalia o sujeito como fruto das relações sociais experimentadas em seu ambiente sociocultural. Ao oposto de se entender o *bullying* como um problema ligado às condições exclusivas do aluno, particulares ou familiares, é aferida na perspectiva das relações humanas no setor das ações educativas. Utilizou-se como metodologia observações das práticas pedagógicas na escola campo e aplicação de questionários para profissionais e alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental da escola supracitada. Fez-se uma abordagem qualitativa dos dados. A escola precisa entender o *bullying* como fenômeno instituído nas relações sociais e também institucionais, com menções para as ações educativas e para a ampliação de desenvolvimento dos sujeitos. Constatou-se que o *bullying* é um fenômeno de esfera mundial, que existe desde o surgimento dos estabelecimentos de ensino e permanece nos dias atuais; possui características que o diferencia das demais agressões que acontecem na escola ou em outros espaços. Emerge entender que a família passa por diversas reestruturações e que não se pode responsabilizá-la isoladamente pelos problemas sociais, mas sim entendê-la como primeiro grupo referencial de aprendizagem humana. Por ser assim, a escola também deve atuar como parceira no processo de formação do aluno.

Palavras – chave: Violência escolar. Socialização. Aprendizagem

ABSTRACT

This research aimed at analyzing bullying in the school context and its consequences in the teaching and learning process at the Alexandre Costa Integrated Unit in Chapadinha - MA. The investigation was based on the historical-cultural understanding that evaluates the subject as a result of the social relations experienced in its socio-cultural environment. The opposite of understanding bullying as a problem related to the student's unique conditions, whether private or family, is measured in the perspective of human relations in the educational sector. Observations of pedagogical practices in the field school and application of questionnaires for professionals and students of the 5th Year of Elementary School of the above-mentioned school were used as methodology. A qualitative approach to the data was made. The school must understand bullying as a phenomenon instituted in social and institutional relations, with references for educational actions and for the expansion of the subjects' development. It has been found that bullying is a phenomenon of global sphere, which has existed since the beginning of educational establishments and remains in the present day; has characteristics that differentiate it from the other aggressions that happen in the school or in other spaces. It emerges to understand that the family undergoes several restructuring and that it can not be blamed alone for social problems, but understand it as the first reference group of human learning. For this reason, the school must also act as a partner in the student's formation process.

Keyword: School violence. Socialization. Learning

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Publicações sobre *bullying* e escola no SciELO e na Capes..... 15
Quadro 2 - Mapeamento das publicações localizadas no banco de dados SciELO..... 17
Quadro 3 - Mapeamento das publicações localizadas na Capes..... 20
Quadro 4 - Sobre a formação dos profissionais da educação..... 50
Quadro 5 - O que entendem por *bullying*..... 51
Quadro 6 - Debates sobre a prática do *bullying* na formação profissional..... 51
Quadro 7 - Se estão preparados para intervir diante de uma possível violência de bullying..... 52
Quadro 8 - Se já presenciaram algum caso de *bullying* no contexto da sala de aula..... 53
Quadro 9 - Sobre o que fazer ao presenciar um possível caso de *bullying* na sala de aula..... 54
Quadro 10 - Se a escola na qual trabalham desenvolve algum projeto de combate ou prevenção do *bullying*..... 54
Quadro 11- Sobre qual a mais eficiente ação de combate ao *bullying*..... 54
Quadro 12 - Quanto à prática do bullying, se influencia no processo de aprendizagem do aluno..... 55
Quadro 13 - A maneira mais comum da prática do *bullying* cometida na escola..... 55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - O que entendem por *bullying* 56
Gráfico 2 - Se já sofreram algum tipo de *bullying*..... 57
Gráfico 3 - Se eles já cometeram algum tipo de *bullying* na escola..... 57
Gráfico 4 - Se são agredidos em casa..... 58
Gráfico 5 - Como avaliam seu comportamento em sala de aula..... 59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... **10**
2 ESTADO DA ARTE..... **13**
2.1 Caracterizando as publicações sobre *bullying* e escola no banco de dados SciELO e na Capes..... **15**
3 CONCEITUANDO *BULLYING*..... **26**
4 *BULLYING* E ESCOLA..... **31**
4.1 O papel da escola frente à violência entre os alunos..... **33**
4.2 O papel do professor diante o fenômeno *bullying*..... **36**
4.3 Escola e família na formação de valores dos alunos..... **40**
5 TRAÇANDO O PERFIL DAS VÍTIMAS E AGRESSORES DO *BULLYING*..... **43**
6 METODOLOGIA..... **47**
6.1 Tipo de pesquisa..... **47**
6.2 Universo e amostra..... **48**
6.3 Instrumento de coleta de dados..... **48**
6.4 Caracterização da escola campo..... **49**
7 *BULLYING* E O ESPAÇO ESCOLA: estudo de caso em Chapadinha..... **50**
7.1 O *bullying* na visão do gestor, supervisor e professores..... **50**
7.2 O *bullying* na visão dos alunos..... **56**
8 CONCLUSÃO..... **61**
REFERÊNCIAS..... **63**

1 INTRODUÇÃO

Toda forma de agressão retrata uma ameaça à ação de potencializar o desenvolvimento cognitivo, social e psicológico do sujeito, provocando resultados negativos na vida da pessoa. Por conseguinte, é no ambiente escolar que os educandos passam grande parte do seu tempo. Esse espaço tem como função primordial promover condições para o desenvolvimento das competências, das aprendizagens, do senso crítico, e da formação de sujeitos capazes de conviver em sociedade. No entanto, a rotina de violência e agressão no contexto escolar tem se apresentado cada dia mais presente, e a instituição escolar tem se revelado de certa forma inapta a trabalhar com a afabilidade dos alunos. (FANTE, 2012).

Durante o período de Estágio Supervisionado nas escolas campo, do Curso de Pedagogia ofertado pela Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP no município de Chapadinha - MA, percebeu-se que, no cotidiano escolar, os docentes demonstram desgaste emocional em sua atuação pedagógica influenciada pelos conflitos vivenciados em seu espaço de trabalho.

Além do estresse e do cansaço, da luta árdua de ser professor, a violência entre os alunos acarreta no agravamento do problema. Notou-se, durante as observações da pesquisa de campo, que alguns discentes taxam outros por nomes pejorativos ou palavras de baixo calão. Essas agressões verbais no ambiente escolar despertaram o interesse em descrever, compreender e tipificar os motivos das práticas agressivas entre os alunos.

A terminologia *bullying* tem sido exibida na mídia e tem sido assunto de discussões em teses, dissertações e até mesmo em filmes e novelas. Entretanto, a precaução e até mesmo a análise diagnóstica tem se apresentado de difícil compreensão. Em seu significado, o *bullying* abrange comportamentos agressivos, intencionais e repetidos, que acontecem sem motivação, sendo cometidos por alunos contra outros, ocasionando sofrimento e dor. (SILVA, 2010).

O fenômeno *bullying* não é algo novo, apresenta uma forma de agressão que sempre esteve presente no ambiente escolar, onde os sujeitos considerados mais “fortes” oprimem aqueles vistos como mais “frágeis”, em que os agredidos se tornam vítimas por inúmeras razões. Com base nessa conjuntura, o que mais inquieta é que nem sempre a violência é notada pelos professores, supervisores e

gestores, visto que os estudantes nem sempre levam o acontecido ao conhecimento da equipe pedagógica da instituição escolar.

De acordo com Fante (2005), o *bullying* é um fenômeno que sempre existiu tanto em espaços escolares quanto outros contextos sociais, basta existir relações interpessoais para se perceber a sua presença. Mas, são recentes os estudos e pesquisas sobre a temática, e o uso de metodologias bem como a qualificação de profissionais para lidar com as divergentes situações recorrentes, especialmente nas escolas.

O *bullying* e a vitimização aparecem integrados a múltiplos fatores que não só impacientam, mas cooperam também para a conservação e gravidade dessas condutas. Nesse sentido, uma intervenção que objetive a precaução e redução da constância dos mesmos, no ambiente escolar, precisará incidir inicialmente sobre as questões, sendo necessários para isso o envolvimento e o empenho conjunto da sociedade, escola e dos familiares dos estudantes para dar atenção, dialogar e agir de maneira eficiente acerca dessas situações. Frente a esse problema, questionou-se: como a escola lida com a violência em seu contexto e dinâmica interna?

Assim, esta pesquisa objetiva analisar o bullying no contexto escolar e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem da escola Alexandre Costa, a qual foi escolhida para se investigar pela acessibilidade e disponibilidade dos sujeitos da pesquisa em contribuir com a investigação.

A pesquisa parte da compreensão histórico-cultural que pondera o sujeito como fruto das analogias sociais experimentadas em seu ambiente sociocultural. Nesse contexto, ao oposto de se entender a violência como um problema ligado às condições exclusivas do educando, tanto particulares como familiares, ela é avaliada na perspectiva das relações humanas no setor das ações educativas.

Quanto ao percurso metodológico, optou-se pelo enfoque qualitativo de pesquisa por meio de um levantamento bibliográfico. Utilizou-se autores como Fante (2012), Souza (2018), Abramovay (2005), dentre outros. Optou-se ainda pela pesquisa de campo através da observação e aplicação de questionários junto aos alunos e professores da escola mencionada acima.

Assim, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, faz-se uma breve introdução apresentando os objetivos, tipo de pesquisa e percurso metodológico. No segundo capítulo, apresenta-se o estado da

arte o qual se exibe um levantamento de pesquisas publicadas acerca do *bullying* no contexto escolar. No terceiro capítulo, discute-se questões sobre conceitos de *bullying*. No quarto, faz-se uma abordagem sobre *bullying* e escola, o papel da escola frente à violência entre os alunos, o papel do professor diante desse fenômeno, e a relação escola e família na formação de valores dos alunos.

No quinto capítulo, apresenta-se o perfil das vítimas e agressores do *bullying*. No sexto, exibe-se o percurso metodológico da pesquisa e caracterização da escola onde foi realizado o trabalho de campo. No sétimo capítulo, exibe-se as análises da investigação. E, por fim, são apresentadas conclusões em relação aos resultados desta pesquisa.

2 ESTADO DA ARTE

Nesta parte do trabalho, apresenta-se o fruto parcial de uma pesquisa de enfoque qualitativo acerca do *bullying* e escola por meio do estudo denominado estado da arte, o qual vem sendo desenvolvido no país desde os anos de 1980. A finalidade desta investigação é analisar como tem sido discutida a temática em pauta por estudiosos brasileiros, em diferentes épocas do âmbito educacional.

Até na metade da década de 1980 o termo “Estado da Arte” não era muito conhecido pelos estudiosos do país brasileiro, sendo esse tipo de estudo nessa época mais comum nos países americanos. (FERREIRA, 2018)

Na investigação da temática por meio do Estado da Arte, inicialmente, procurou-se em plataformas online, a partir das palavras “*bullying* e escola”. Desse modo, através do diagnóstico por meio da revisão de literaturas, teve-se a aproximação de informações as quais proporcionou meios para se traçar um mapeamento inicial. Contudo, de maneira sucinta, discute-se acerca do que vem ser esse tipo de pesquisa denominada Estado da Arte.

Esta seção da pesquisa configura-se como um estudo de cunho bibliográfico, o qual tem por finalidade mapear as produções publicadas no período entre 2016 a 2018. Segundo Romanowsk (2006, p. 39), os estudos definidos Estado da Arte podem:

> [...] significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Mais designadamente, o presente estudo pode ser definido como também um Estado do Conhecimento, porém o autor supracitado distingue em dois tipos de estudo: o Estado da Arte se refere a todo um campo do saber, abrangendo, por exemplo, as investigações promulgadas tanto em dissertações, em teses e também em periódicos quanto a artigos noticiados em anais de conferências do campo investigado. Por outro lado, o Estado do Conhecimento trata somente de uma área de periódicos sobre a temática estudada.

Assim, a discussão proposta nesta etapa se refere a uma fase de pesquisa atinente ao acervo composto de teses e dissertações de alunos da área

educacional. Esta, sem dúvida, é uma atividade que requer atenção redobrada, considerando que são inúmeros os detalhes especialmente quando a temática pode ser discutida de distintas maneiras.

As metodologias adotadas na ação de uma pesquisa muitas vezes estão implícitas, e os efeitos, a partir de certo ponto de vista arquitetado culturalmente, não são comuns surpreender, por serem aguardados e até mesmo procurados, se essas metodologias não são claramente explicitadas e adequadas ao caráter da pesquisa proposta. Nesse sentido, a exigência de sentidos metodológicos prévios, em investigação desse caráter, em certos fatos, pode impedir a visibilidade de outras imagináveis nuances.

A pesquisa Estado da Arte tem relevância sobretudo porque proporciona uma visão aprofundada sobre o objeto do conhecimento, conhecendo-o por meio dos trabalhos de outros pesquisadores. É crucial para o conhecimento das abordagens metodológicas que o objeto de estudo tem recebido e, assim, vislumbrar novas possibilidades para tratamentos científicos do assunto em questão.

Configura-se, portanto, em direcionamentos para novos olhares, indagações e reflexões sobre a temática, o que implica dizer que a ação de leitura não se restringe apenas à procura de informações, mas a possibilidade da (re) constituição de um novo embasamento teórico-metodológico para o objeto de estudo.

O Estado da Arte é, pois, um resgate e reconhecimento do saber produzido. Quando se trata do fenômeno *bullying*, um campo tão complexo, faz-se necessário considerá-lo de acordo com suas dimensões e eventualidades, situando-o em um universo específico com suas variáveis. Por essa razão, optou-se relacionar ao ambiente escolar. Apesar de ser um assunto recorrente na sociedade, os estudos sobre *bullying* ainda são muito restritos, sobretudo em pesquisas a nível de pós-graduação *lato sensu,* mestrado e doutorado. Por essa razão, necessita-se de reflexões sobre o tratamento que é dado para a temática em questão.

No campo educacional, o Estado da Arte permite o resgate de trabalhos científicos sobre diversos temas relacionados à Educação. O levantamento de publicações sobre *bullyng* e escola visa aprofundar os estudos da temática, atribuindo visibilidade a trabalhos não analisados em bancos de produções acadêmico-científicas, catálogos e, também, em portais eletrônicos. Embora a investigação tenha sido delimitada em um curto período de tempo (dois anos), é

perceptível a grandeza e a riqueza dos materiais encontrados, mesmo que haja outras publicações pertinentes à temática a serem localizadas.

2.1 Caracterizando as publicações sobre *bullying* e escola no banco de dados SciELO e Capes

O estudo foi realizado por meio de um levantamento bibliográfico de trabalhos científicos, como teses e dissertações localizadas nos sites do banco de dados da Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo usados na procura os termos "*bullyng* e escola". Concluiu-se que esse tipo de investigação vem sendo usada no país em uma ação ascendente, entretanto é ainda embrionária, especialmente no campo pedagógico.

Esse aspecto pode estar atrelado ao desconhecimento de inúmeros professores e alunos acerca desse tipo de investigação ou sobre como desenvolvê-la. Porém, ainda que pouco usada, é identificada como um tipo de pesquisa importante para o campo de investigação de modo geral, visto que ao se propor a efetivá-la o pesquisador debate e analisa a obra teórica de certa área do conhecimento, instituindo-se, assim, como rica fonte de investigação para outros investigadores.

Apresenta-se, portanto, os dados atinentes ao recorte temporal demarcado para esta investigação com base no levantamento feito. Assim, o recorte temporal se remete ao período de 2016 a 2018, em que se encontrou 06 (seis) trabalhos, os quais serão apresentados a seguir no quadro, exibindo-se as palavras-chave, títulos da pesquisa, os nomes dos autores e ano de defesa do estudo.

Quadro 1 - Publicações sobre *bullyng* e escola no SciELO e na Capes

Palavras-chave	Títulos da pesquisa	Nome dos autores	Ano de defesa do estudo
Bullying; Vulnerabilidade social e Escola	*Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado	Zequinão et. al	2016
Bullying; Escola e Reflexão	*Bullying* na escola: uma revisão literária	Silva et. al	2016

Escola; *bullying*; violência e respeito	Violência na escola: refletindo sobre o *bullying*	Milliante et. al	2016
Bullying; Projetos *antibullying*; Violência escolar; Projetos *antibullying* na Espanha.	Estratégias de prevenção e contenção do *bullying* nas escolas	Frick	2016
Bullying; intervenção; risco e proteção; e resiliência	*Bullying* no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência	Fernandes et. al	2017
Violência; *Bullying*; Adolescente; Vitimização e Agressão.	*Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar	Marcolino et. al	2018

Fonte: Elaboração das autoras, 2018

Destaca-se que a realização da pesquisa Estado da Arte ocorreu sob a orientação do Professor Sérgio César Corrêa Soares Muniz atendendo os seguintes critérios de investigação: levantamento dos resumos junto aos bancos de dados entre os períodos de 2016 a 2018; divisão por autores dos resumos das obras; leitura dos resumos a fim de estabelecer grupos de análise relativos ao tipo de pesquisa; leitura do material para apontar o descritor nas palavras-chave; *bullyng* e escola; seleção dos resumos que exibissem as palavras chaves indicadas; análise do teor dos resumos escolhidos e tabulação das informações; organização e síntese das informações coletadas; análise geral e conclusão;

Considerando as recomendações e orientações do Professor e Orientador Sérgio Muniz apresenta-se em seguida no quadro o mapeamento individual de cada fonte de pesquisa.

Quadro 2 - Mapeamento das produções localizadas no banco de dados SciELO

Palavras-chave	Títulos da pesquisa	Nome dos autores	Ano de defesa do estudo
Bullying; Vulnerabilidade social e Escola	*Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado	Zequinão et. al	2016
Bullying; Escola e Reflexão	Bullying na escola: uma revisão literária	Silva et. al	2016
Bullyin; intervenção; risco e proteção; e resiliência	*Bullying* no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência	Fernandes et. al	2017

Fonte: Elaboração das autoras, 2018

Na produção intitulada "*Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado", destaca-se que o *bullying* no contexto escolar pode envolver crianças de diversas formas, fazendo com que elas adotem funções divergentes. Dentre estas, apresenta-se agressores e vítimas, e vice-versa. O objetivo principal da pesquisa desenvolvida pelo referido autor foi descrever como acontece o *bullying* nas escolas de elevada vulnerabilidade social da cidade de Florianópolis, bem como as funções assumidas pelos estudantes no que se refere a tal fenômeno. As palavras-chave do trabalho: Bullying; Vulnerabilidade social e Escola. (ZEQUINÃO et. al, 2018)

Quanto à metodologia, segundo os autores, teve-se a participação de 409 (quatrocentos e nove) alunos, adolescentes, estudantes do 3ºao 6º ano do Ensino Fundamental, de 02 (duas) instituições escolares da rede pública do município acima citado. Como ferramenta, Zequinão et al (2018) aplicaram questionários junto aos agentes da pesquisa.

Para a análise das informações, aplicaram a estatística descritiva. Segundo os autores, os resultados apontaram 29,8% do sexo masculino e 40,5% do sexo feminino afirmaram terem sido agredidas; enquanto 32,3% dos meninos e ainda 24,6% das meninas disseram terem sido atacantes.

As pessoas agredidas foram as que se revelaram mais preparadas a oferecer ajuda no caso de um colega sofrer violência ainda que não o conheça. Em contrapartida, os atacantes se distinguiram dos demais alunos que não participam e também do grupo das pessoas agredidas, as quais menos se sentiram sozinhas. Assim, o autor concluiu que os dados obtidos em seu estudo são cogentes na

procura de alternativas para diminuição do *bullying* no contexto escolar. (ZEQUINÃO et. al, 2018)

O revigoramento das relações entre instituição escolar e estudantes, e uma maior qualificação dos docentes e funcionários são necessárias para dirimir os resultados das questões de risco a que esses alunos estão expostos e consequentemente à agressão na escola. (ZEQUINÃO et. al, 2018)

Na produção acadêmica intitulada "*Bullying* na escola: uma revisão literária", tem-se uma abordagem sobre as concepções contemporâneas acerca do *Bullying* no espaço escolar. A partir disso, apresenta o objetivo de discutir os problemas ocasionados na ação de ensino e aprendizagem, sendo um dos problemas para o motivo do alto índice de evasão escolar. A metodologia usada, segundo Silva et. al (2018), foi a pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativa, feita por meio de consultas em artigos, livros e revistas que abordassem questões sobre o tema publicado. (SILVA et. al, 2018)

Através da pesquisa, verificou-se que o *bullying* está ligado, de algum modo, a preconceitos sociais, bem como também às dificuldades consequentes da formação ética e moral da constituição da personalidade, além da fragilidade de padrões sociais deparados no contexto familiar e social. (SILVA et. al, 2018)

A investigação demonstrou que o *bullying* é uma das principais razões para a evasão escolar. Além disso, há a despreparação do docente para confrontar com este sério problema na escola. Isso implica aludir às funções do educador na sociedade contemporânea, que é interceder nas relações que originem a intranquilidade harmônica no contexto escolar, usando procedimentos metodológicos adequados para a promoção do respeito mútuo, cooperação e, consequentemente, resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem. (SILVA et. al, 2018)

Os autores constataram que o *bullying* é uma questão gravíssima encontrada no contexto escolar. Acreditam que precisa haver uma interligação entre família, escola e sociedade, buscando metodologias que permitam a amenização deste grave problema. As palavras-chave desse trabalho foram: Bullying; Escola e Reflexão.

Na pesquisa realizada por Fernandes et. al (2018), intitulada "*Bullying* no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência", apresentou-se como objetivo provocar cogitações acerca do *bullying* na escola,

definido como ação agressiva intencional cometida entre pares, com dessemelhança de poder, que danifica as relações entre as pessoas, com decorrências e transformações nas especialidades biopsicológicas dos envoltos do problema.

Segundo Fernandes et. al (2018), a investigação foi feita por meio da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, a qual partiu de relatos vivenciados por uma docente de uma instituição pública da região sul do país, que pediu aos seus alunos, no começo do ano letivo, a obra de texto intitulada “Quem sou eu?”.

A produção textual de um dos estudantes acerca de sua aflição de voltar para a escola, causada pelo *bullying,* incentivou a professora a realizar um projeto de intervenção. Ao término do ano letivo, a professora pediu uma nova produção textual, em que se averiguou o desempenho positivo do aluno.

Os relatos dessa vivência exibiram na pesquisa as duas obras do estudante e também o seu projeto de intervenção realizado no contexto escolar. Como palavras-chave, os autores apresentaram: Bullying, Intervenção, Risco e proteção e Resiliência.

Em seguida, apresenta-se os trabalhos localizados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Instituído no ano de 2000, é um instrumento de investigação indispensável nas universidades e academias. Sustentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC), tem como finalidade agenciar o revigoramento das ideias de pós-graduação e formação docente no país através da democratização da promoção online ao conhecimento científico internacional de grande nível.

É um acervo virtual que oferece aos cientistas, investigadores, docentes, discentes e funcionários a promoção à literatura completa de artigos científicos publicados no país e fora dele. São textos resultantes de pesquisas científicas de grande importância para realização e apoio da divulgação do conhecimento.

Os estabelecimentos de ensino e estudo que são credenciadas têm promoção aberta e gratuita ao Portal. Nesse sentido, por meio da pesquisa empreendida nesse Portal, encontrou-se 03 (três) produções acadêmicas publicadas no ano de 2016, aludidas à temática investigada, as quais serão apresentadas a seguir.

Quadro 3 - Mapeamento das publicações localizadas na Capes

Palavras-chave	Títulos da pesquisa	Nome dos autores	Ano de defesa do estudo
Escola; *bullying*; violência e respeito	Violência na escola: refletindo sobre o *bullying*	Milliante et. al	2016
Bullying; projetos *antibullying*; violência escolar; projetos *antibullying* na Espanha.	Estratégias de prevenção e contenção do *bullying* nas escolas	Frick	2016
Violência; *bullying*; adolescente; vitimização e agressão.	*Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar	Marcolino et. al	2018

Fonte: Elaboração das autoras, 2018

A obra intitulada “Violência na escola: refletindo sobre o *bullying*” trata da violência nas escolas, a qual é vista, segundo os autores, como uma situação comum, em alguns ambientes, vista até como algo natural. Frequente no âmbito escolar, destaca-se como uma maneira de violência avaliada *bullying*.

Essa terminologia não tem tradução particular, mas se refere à chantagem sistemática e é assinalada por condutas agressivas e intencionais, repetitivas no decorrer do tempo, sendo praticada por uma ou por mais pessoas, que determinam uma analogia de desequilíbrio de domínio nas relações interpessoais dos envolvidos no problema. (MILLIANTE et. al, 2018)

De acordo com a pesquisa, existem diferentes tipos de *bullying*: moral, psicológico, sexual, material, xingamentos, insultos, agressão física, assédio, exclusão, isolamento, ameaça e discriminação. Contudo, para que essas maneiras agressivas sejam consideradas como *bullying* é necessário que o fenômeno abranja três pessoas: o agressor, a vítima e a testemunha, necessitando de que os ataques ocorram de modo sucessivo, isto é, que aconteça durante certo tempo. (MILLIANTE et. al, 2018)

Essa pesquisa foi realizada a partir das vivências de dois alunos universitários de graduação do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

A investigação foi justificada pela inquietação do contexto escolar, docentes e discentes, equipe de coordenação, funcionários de modo geral e familiares ou responsáveis pelos alunos. O interesse foi manifestado pela questão quanto à conduta dos alunos em condições que eventualmente viessem a ser agredidos ou a testemunhar práticas de *bullying*, assim como a estrutura de um serviço pedagógico centralizado no debate e na cogitação da segurança de um convívio harmonioso entre as pessoas participantes da escola, sobretudo os estudantes. (MILLIANTE et. al, 2018)

A pesquisa realizada por Milliante et. al (2018) teve como finalidade geral a aplicação de práticas pedagógicas com o intuito de fomentar entre os alunos a cultura para os Direitos Humanos e o reconhecimento do direito de todas as pessoas ao respeito, tanto no ambiente escolar, como em outros espaços de convivência, com destaque à ação de combater e prevenir as práticas de *bullying*.

Segundo os autores, o procedimento metodológico teve como embasamento a pesquisa bibliográfica com análise de caráter qualitativo, do tipo exploratória. O elemento para a coleta de informações foi centrado na observação das ações feitas na proposta. A investigação de campo, de acordo com os autores, contou com a participação de 90 (noventa) alunos das turmas de 4º e 5º ano de uma instituição escolar de Curitiba no primeiro semestre letivo referente ao ano de 2016. (MILLIANTE et. al, 2018)

Durante esse momento, as intervenções abrangeram duas aulas durante a semana na Disciplina de Língua Portuguesa. As técnicas e recursos para a realização das ações envolveram o uso de recursos como: vídeos, dinâmicas, músicas, rodas de conversas e outras.

Os resultados da pesquisa revelaram que no esforço para a constituição de analogias mais solidárias, democráticas e igualitárias no ambiente escolar, assim como a prevenção e a luta no combate às distintas maneiras de violência, sobretudo ao *bullying*, observaram que os alunos participantes do projeto se revelaram sensibilizados sobre as diferenças particulares presentes no setor estudantil ao mudarem suas posturas frente a situações aludidas à chantagem sistemática. (MILLIANTE et. al, 2018)

Ressaltaram, na pesquisa, que o *bullying* não foi eliminado do ambiente pesquisado, no entanto, teve significativo progresso no que diz respeito ao combate assim como à prevenção desse fenômeno.

Desse modo, concluíram que, diante o atual panorama contemporâneo, no qual agressões e hostilidades se disfarçam como “brincadeiras”, algo comum no contexto da escola, torna-se cogente o desenvolvimento de projetos pedagógicos transversais que arquitetem conhecimentos acerca da cidadania, interculturalidade e Direitos Humanos a fim de expandir valores sociais necessários como o respeito, a solidariedade, o acolhimento e o entendimento das diferenças no espaço escolar. As palavras-chave destacadas pelo autores foram: Escola; *Bullying*; Violência e Respeito.

A obra intitulada “Estratégias de prevenção e contenção do *bullying* nas escolas” foi uma pesquisa realizada a partir de um projeto de pós-graduação em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, e a mesma se encontra atrelada à linha de investigação “Processos Formativos, Diferenças e Valores”, promovida pelo custeio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo - FAPESP, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com bolsa de "Doutorado Sanduíche no Exterior – PSDE". O estudo teve como objeto de apreciação e análise as atividades de prevenção e combate ao *bullying* recomendadas por estudiosos e pelos empenhos governamentais, no país e também na Espanha. (FRICK, 2018)

Segundo Frick (2018), os objetivos da pesquisa desenvolvida foram, além de pesquisar as propostas de precaução e diminuição do *bullying* achadas nesses países, averiguá-las e analisar as adjacências e afastamentos entre elas.

A autora buscou refletir, ainda, sobre as probabilidades de ajustamento das conjeturas *antibullying* da Espanha ao país brasileiro. A pesquisa se constituiu numa investigação descritiva e exploratória de cunho qualitativo e como procedimentos metodológicos adotou o estudo bibliográfico e a análise documental. A pesquisa literária se constituiu em dissertações, teses e artigos publicados na Espanha e no Brasil.

As propostas da literatura do país são mais catalogadas à promoção de atividades de informação, conscientização e sensibilização que sucedem nas analogias interpessoais de maneira mais ampla, como provocar a vida pública, a colaboração, as analogias de amizade e o suporte no contexto escolar. (FRICK, 2018)

Também se alude à constituição de normas e à qualificação profissional o destaque da literatura espanhola na realização de atividades que agenciem questões como: a melhora das analogias interpessoais, focalizando os aparelhos de auxílio entre os estudantes; a realização emocional e também a autoestima; o ensino de cultura, valores morais, via incremento de desenvolturas sociais e alargamento moral; a qualificação docente e também dos familiares.

As estratégias governamentais do país reconhecidas foram atreladas à legislação *antibullying* acatada em 19 (dezenove) regiões estaduais e nenhuma em área nacional. Vale destacar, segundo a autora, que das atividades realizadas pelas Secretarias Estaduais de Educação, 02 (duas) delas tinham propostas *antibullying*, 04 (quatro) tinham propostas de prevenção à agressão escolar que abrangia o *bullying* e em outras 17 (dezessete) a autora localizou atividades isoladas e nenhuma atividade do Ministério da Educação (MEC).

As estratégias do governo da Espanha encontradas foram catalogadas. As regras que faziam alusão à prevenção ou ao combate do bullying consentidas em 17 (dezessete) comunidades independentes e em grau estatal, ações do *Ministério de Educación.* Atividades de prevenção e combate ao *bullying* das *Consejerías de Educación* dos 17 grupos autônomos.

Nas duas nações, a pesquisadora realizou visitas em instituições escolares, ou seja, em 5 (cinco) escolas na Espanha e em 2 (duas) escolas no Brasil, que realizavam projetos *antibullying*. Frick (2018) considerou que a Espanha tem vencido uma trajetória maior que o país brasileiro, em termos de cuidado ao *bullying* pelas políticas pedagógicas, agenciando a realização de ações antibullying dentro de um contexto de melhoria do convívio, através de projetos de ação institucionalizadas, arriscando nos aparelhos de ajuda, como o auxílio e a intercessão entre iguais.

São poucos gestores educativos brasileiros, secretarias de educação que apresentam propostas e que se embasam na literatura científica para oferecer ideias de atividades para as escolas. (FRICK, 2018)

Segundo a autora, a pesquisa evidenciou que as ações públicas do Brasil necessitam investir tanto na formação inicial quanto na formação continuada dos docentes, além da institucionalização de ambientes e tempos no contexto escolar para o planejamento, efetivação e acompanhamento das atividades *antibullying*, e

ainda a avaliação. Como palavras-chave, destacou: *Bullying*; Projetos *antibullying*; Violência escolar; Projetos *antibullying* na Espanha.

A obra intitulada “*Bullying*: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar”, de Marcolino (2018), objetivou analisar a prevalência de vitimização e violência por *bullying* e os tipos associados aos aspectos sócios demográficos e condutas de risco em alunos.

A pesquisa foi de caráter bibliográfico e quantitativo, realizada em escolas da Rede Municipal de Ensino Fundamental na cidade de Campina Grande, do Estado da Paraíba, e a amostra foi de 678 (seiscentos e setenta e oito) alunos matriculados no Ensino Fundamental Anos Finais, do 6º ao 9º ano. (MARCOLINO et. al, 2018)

De acordo com os autores, as informações foram atualizadas com o projeto escolar estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*, sendo usado o grau de valor de 5% e espaço de certeza de 95% para efetivação da prova quiquadrado de Person. Efeitos: a primazia de pessoas vítimas de *bullying* atingiu 29,5%, com predominância do *bullying* psicológico, 23,3% e envoltura majoritária de meninos.

Quanto à ação de *bullying*, 8,4% dos alunos asseguraram que cometem *bullying* contra os pares. Assim, os pesquisadores concluíram que a associação entre atacantes de *bullying* com conduta de risco no espaço escolar. Como palavras-chave, destacou: Violência; *Bullying*; Adolescente; Vitimização e Agressão.

Marcolino et. al (2018) concluíram que existe um ponto comum quando se trata de agressão, nas suas mais distintas maneiras de se manifestar e que, para lidar com essa realidade, é preciso criar opiniões que acautelem esses comportamentos e que abarquem o maior número de sujeitos que compõe o espaço escolar, dentre eles: familiares, educadores, funcionários assim como os próprios estudantes.

De modo geral, os autores pesquisados afirmam que o *bullying*, nas suas mais variadas maneiras de se apresentar, vem ocorrendo em grande extensão nos ambientes escolares, contudo, muito dos sujeitos envolvidos na área de ensino tem mínimos conhecimentos e compreensão sobre o assunto. E, consequentemente, suas implicações para as pessoas atingidas se tornam muito complexas, dificultando os processos de aprendizagens.

Esta etapa de pesquisa permitiu perceber que o fenômeno *bullying* ainda é pouco debatido, trabalhado e na maioria das vezes é deixado de lado. Nesse sentido, somente identificar os casos de *bullying*, sem uma ponderação mais complexa que procure de maneira efetiva uma ação conjunta entre escola, família e sociedade, não irá colaborar para o fim dessas atitudes violentas que causam tantos prejuízos no ambiente educacional.

3 CONCEITUANDO *BULLYING*

O *bullying* é entendido como uma prática agressiva e intencional que acarreta em dor, sofrimento e aflição às vítimas. Ainda que se manifeste em diferentes espaços, investigadores de todo o universo, tem-se pesquisado o *bullying* especialmente no contexto escolar e na relação entre os estudantes. (FANTE, 2012).

Essa maneira agressiva é bastante antiga, tanto quanto o surgimento da escola. Entretanto, as pesquisas realizadas nesse campo são recentes, as quais tiveram começo com Dan Olweus, estudioso norueguês que, nos anos de 1970, decidiu pesquisar o problema dos agentes e também de suas vítimas no ambiente escolar.

Mesmo revelando essa inquietação, foi tão-somente nos anos de 1980, depois de ocorrido o suicídio de três jovens com idade entre 10 e 14 anos, na Noruega, provavelmente incitado por questões envolvendo a prática do *bullying*, que as escolas passaram a evidenciar interesse pelo problema. (FANTE, 2012).

> Os estudos tiveram início na década de 1970 na Suécia e na Dinamarca. Na década de 1980 a Noruega desenvolveu grande pesquisa sobre o tema, expandindo os estudos para inúmeros países europeus. [...] As iniciativas foram provocadas pelo o aumento do número de suicídios entre crianças e adolescentes, especialmente na Europa. Esse fato fez com que os pesquisadores buscassem suas principais causas, encontrando entre elas os maus tratos praticados por parte dos companheiros de escola. (FANTE, 2008, p. 35).

Ainda segundo Fante (2012), *bullying* é um termo usado para nomear um problema antigo que durante muitas décadas não foi notado como uma questão inquietante. O termo *bullying* é derivado do verbo inglês *bully*, não apresenta tradução para o idioma português, mas é definido por dessemelhantes agentes como “tirano”, “valentão”, utilização da superioridade para atemorizar alguém.

Existe a experiência do *bullying* quando uma pessoa é agredida, humilhada, ameaçada, discriminada, estando essa atitude manifestada com repetição, ao longo do tempo. São atitudes impresumíveis por parte de uma ou mais pessoas chamadas de *bullies*, tendo como implicações prejuízo e angústia aos alvos.

O *bullying* diferencia-se pelos abusos físicos e verbais cometidos por uma ou mais pessoa, de maneira intencional e sem motivos, com uso de ataques, como utilização de apelidos, pontapés, tapas, dentre outros.

Como é apontado por Fante (2008, p. 63), “As formas de maus tratos são: físico (bater, chutar, beliscar); verbal (apelidar, xingar, zoar); moral (difamar, caluniar, discriminar); sexual (abusar, assediar, insinuar); psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir) [...]”.

Conforme Silva (2010), o termo *bullying* é de procedência inglesa e é usado para delinear todas as maneiras de agressão intencionais e reproduzidas, podendo ser psicológica ou física. O termo *bullying* ainda sem tradução na nação brasileira é usado para determinar comportamentos violentos no contexto escolar.

Bully significa uma pessoa tirana, mandona, violenta e brigona. E, a Lei nº 13.185 foi sancionada no dia 6 de novembro do ano de 2015 em decorrência das séries questões causadas pelo *bullying,* como se observa:

> No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

Nessa conjuntura, a vítima de *bullying* é aquela pessoa que é constantemente agredida por outrem, a qual não tem êxito ao tentar contestar ou parar as violências. É oportuno mencionar que algumas pessoas agredidas por meio, após sofrerem *bullying*, podem também vir a ser agentes reprodutoras ou mesmo ficar muito pacíficas, com receio e tendem a apresentar problemas de relacionamentos sociais.

As razões pelas quais acontecem o *bullying* escolar são diversas, entre elas destacam-se: o sujeito que apresenta um jeito particular de ser em relação aos outros alunos, bem como a aparência física, maneiras de se comportar socialmente. Ao lado disso, Olweus (1993 apud FERNANDES; YUNES e TASCHETTO, 2018) destaca que “[..] no *bullying*, as agressões podem ser de forma direta, em que a vítima vê e sabe quem é o agressor, ou indireta, em que a vítima é atacada, mas pode não saber quem é o agressor.

> São formas diretas as agressões físicas (chutar, empurrar, bater, dar pontapés, roubar, empurrar, danificar pertences); verbais (xingar, ameaçar, insultar, humilhar, intimidar, discriminar); sexual (insinuar, assediar, abusar, violentar). São formas indiretas o isolamento ou exclusão da vítima, afetando o relacionamento entre pares, e o *cyberbullying*. (FERNANDES; YUNES e TASCHETTO, 2018)

Os sujeitos envolvidos com o *bullying* podem desempenhar funções distintas: autor e alvo, testemunha e autor. O alvo é compreendido como um sujeito

que não apresenta condições de se proteger. O alvo-autor se refere aquela pessoa que reproduz a violência sofrida, descarregando em alguém mais sensível. O autor trata-se daquela pessoa que vitimiza as mais fracas, estando na condição de dominação. A testemunha se refere aquele sujeito que não participa inteiramente do *bullying*, mas assiste a violência e silencia por medo de ser agredida futuramente. (FANTE, 2012).

É importante ainda salientar que o fenômeno mesmo tendo causado males, a família e a instituição escolar não têm reconhecido a seriedade do problema, ao compreenderem que as violências são somente brincadeiras naturais da idade (FANTE, 2012). Por conta disso, muitos docentes não interferem durante os acontecimentos agressivos presenciados no contexto escolar.

> A escola é um ambiente que propicia experiências de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que influenciam a formação do indivíduo. A escola deveria oportunizar a transformação das estruturas sociais, e não apenas responsabilizar-se pela difusão de conhecimentos. (FERNANDES, YUNES E TASCHETTO, 2018)

Portanto, é de suma importância que o espaço escolar não despreze os comportamentos violentos que acontecem em seu contexto. Na verdade, essas atitudes devem ser notabilizadas e receberem a atenção que merecem em razão das consequências que podem causar.

Além disso, o *bullying* é um problema sistêmico que se revela em distintos aparelhos de influência e pode, assim, ser avaliado sob o ponto de vista bioecológica (SCHULTZ, 2012).

> Nesta perspectiva, o comportamento agressivos de várias crianças no ambiente escolar pode ser uma resposta a comportamentos agressivos que sofrem dos pais ou de qualquer ambiente em que convivem continuamente, demonstrando apenas que sofreram as influências das agressões sofridas e que aprenderam a se defender observando o tratamento de outros. (FERREIRA e TAVARES, 2009, p. 191).

Nota-se, portanto, que as implicações dessa agressão escolar vivenciada pelos estudantes agredidos são inúmeras, entre elas sobressaem a falta de envolvimento com a aula, visto que eles não participam das atividades e ficam com receio de serem achincalhados pelos *bullies*, isto é, por aqueles que provocam o temor das vítimas, acarretando no distanciamento das vítimas. Assim, tem-se como consequência os obstáculos para a aprendizagem. Essa carência de entrosamento com os estudantes é explicada por Fante (2008, p. 86): “[...] Quando em aula, caso tenham alguma dificuldade de entendimento ou ainda se lhe restam dúvidas, temem

saná-las, pois sabem que se converterão em alvos de “zoações” ou críticas”. (FANTE, 2008, p. 86, grifo da autora).

> A família é a base do indivíduo, é nesta instituição que a criança deve crescer e se desenvolver aprendendo a respeitar, a conviver e a compreender o espaço do outro, é neste acompanhamento familiar que se forma um alicerce favorável para educar os filhos, em parceria com a escola, para formar cidadãos em plena condição de viver em sociedade (COUTINHO, RIBEIRO e BARRETO, 2012, p. 89).

Assim, compreende-se o valor da relação família, escola e comunidade no desenvolvimento do estudante, e no combate aos problemas sociais. Nesse enfoque, o Serviço Social, juntamente com a equipe interdisciplinar da instituição escolar, precisa se ajustar por uma prática que procure assegurar a maior responsabilidade da família no comportamento das crianças no espaço escolar. É na instituição familiar que a pessoa humana adquire os valores morais e éticos. Na escola, esses valores são ressaltados, apresentando também os direitos e deveres de cada cidadão na sociedade.

Os alunos violentos carregam consigo ainda a falta de interesse pelos estudos, e não sentem motivação para aprender os conteúdos oportunizados pelos docentes no espaço da sala de aula. Esses estudantes apresentam muitas vezes dificuldades para realizar as atividades sugeridas pelos professores. Segundo Fante (2008, p. 90):

> Os praticantes de *bullying* comumente apresentam distanciamento dos objetivos escolares, [...] e dificuldades de adaptação às regras escolares e sociais, devido às suas atitudes indisciplinadas, desafiantes, perturbadoras, resultando em déficit de aprendizagem e desinteresse pelos os estudos. [...] Podem introjetar a noção de que conseguem destaque e notoriedade social por meio de comportamentos autoritários, abusivos e violentos, o que pode conduzi-los ao caminho da delinquência e da criminalidade.

Nessa concepção, comportamentos violentos e agressivos têm sido exemplos de fatores que acarretam em diversos problemas sociais. E tais atitudes estão presentes rotineiramente no dia a dia das escolas. O *bullying* no ambiente escolar tem aumentado de maneira muito expressiva, provocando irregularidades no comportamento dos sujeitos.

Fante (2005) pontua que a implicação para as pessoas vítimas do *bullying* é séria e abrangente, acarretando na falta de motivação pela escola, apresentando, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento escolar e podendo ocasionar inclusive a evasão escolar. Emocionalmente, a vítima do *bullying* revela também

baixa autoestima e baixa resistência imunológica, depressão, transtornos psicológicos, ou tendências para o suicídio.

Nesses termos, a falta de motivação para aprender, o baixo rendimento nos estudos ou até mesmo a evasão escolar representam prejuízos para a formação desses estudantes. Por isso, a escola deve estar preparada para lidar com esses fatos, da mesma maneira que a família e a comunidade escolar em geral devem estar cientes dessas consequências, combatendo e prevenindo esses comportamentos que oprimem, constrangem, insultam ou agridem as pessoas.

4 *BULLYING* E ESCOLA

Existem inúmeras maneiras de se cometer o *bullying*, por meio de violências verbais, psicológicas, físicas, e até mesmo virtual. Todas essas formas na qual o *bullying* pode ser cometido, podem provocar agonia física ou sofrimento mental nas pessoas vítimas dessas atitudes.

Nesse sentido, Fante (2008) enfatiza que a conduta da pessoas que pratica o *bullyng* pode ser identificada já nos primeiros anos de escolaridade, inclusive em crianças entre a faixa etária de 3 (três) a 4 (quatro) anos de idade. De acordo com a autora, a magnitude do fenômeno e o adensamento dos casos crescem segundo o nível de escolaridade, afetando o ponto culminante na adolescência.

Nesse aspecto, cabe destacar que, em muitos casos, o *bullying* pode revelar o primeiro passo para entrar na delinquência, uma vez que os agressores evidenciam não ter medida, nem respeito ao outro, sendo capazes de se entreterem com o sofrimento alheia.

No contexto escolar, muitos jovens, adolescentes e crianças trocam palavras de xingamentos, apelidos e insultos. Em alguns casos, são tratamentos considerados normais entre eles. No entanto, se essas atitudes forem de perseguição, com frequência e por um longo período, entende-se que o *bullying* está sendo posto em prática. Existem casos mais graves de violência às vítimas, em que passam a hostilizar o ambiente social, o contato com as pessoas, chegando a desenvolver inclusive patologias e transtornos psicológicos.

A instituição escolar não deve deixar imune tais comportamentos. Sobretudo na escola é perceptível as relações que os alunos estabelecem uns com os outros. É um local privilegiado de interações entre os sujeitos. Por isso, professores, diretores, supervisores e os próprios alunos podem detectar atitudes inconvenientes nesse espaço. A vítima normalmente não recorre a ajudas de outras pessoas para solucionar o problema, por isso a atenção, a observação e a vigilância da comunidade escola é indispensável para combater esse problema.

> A violência nas escolas é um fenômeno que produz marcas e contribui para rupturas acerca das concepções da educação escolar como lugar de socialização, de aquisição e construção de conhecimentos, de formação do cidadão e de veículo por excelência do exercício e da aprendizagem, da ética e da comunicação dialógica. Trata-se de um fenômeno antigo em todo o mundo e que configura um problema social, podendo ocorrer, conforme já

> classificado pela ciência e adotado pelo senso comum, como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno, entre outros. (COSTA et. al, 2018).

Sendo um espaço de interação, socialização e de aprendizagens, a escola perde sentido se os alunos não se sentem confortáveis e motivados para aprender. Nesse contexto, a prática do *bullying* pode gerar inquietude nas pessoas vítimas desse ato, provocando fobias, como a fobia social ou escolar.

Para Silva (2010, p. 26) “Quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico”. Assim, um medo demasiado surge de situações normais, consideradas irrelevantes. O temor desses sujeitos impede que assumam suas responsabilidades diárias, colocando-os em constrangimentos, tensões ou até mesmo em condição de isolamento.

> As práticas de violência nas escolas devem ser compreendidas por meio da análise social, das formas de organização e das forças objetivas da sociedade, e de como tais forças se materializam e se calcificam nos sujeitos que se desenvolvem neste meio. Estudar a violência requer também este impulso crítico, tanto nas análises teóricas quanto na interpretação dos dados, de modo a mostrar suas múltiplas tensões e questionar o sentido social dos fenômenos singulares encontrados. (COSTA, 2018).

Os comportamentos agressivos dos alunos precisam ser analisados cuidadosamente, uma vez que são consequentes de uma série de fatores que os rodeiam. Faz-se necessário que a escola conheça verdadeiramente seus alunos, a realidade na qual vivem a fim de ajudá-los na superação de obstáculos possam surgir.

A função da escola é propiciar condições para a construção de saberes necessários à vida social e profissional, formando sujeitos dotados de princípios e valores, por isso deve primar por um ambiente saudável. Para tanto, outros campos da sociedade também devem ser envolvidos na hipótese de necessidade.

> Na identificação precoce precisa-se de um trabalho de conscientização dos (as) professores (as), pais, mães e alunos (as) para resultar numa qualidade considerável. Além disso, devem envolver outras áreas do conhecimento, por exemplo, saúde, comunicação social, de assistência social, sociologia e a área jurídica, sobretudo, ao se depararem com o problema social poderão contribuir para a busca de soluções. (COSTA, 2018).

Nesse enfoque, a escola precisa promover ações que estimulem o desenvolvimento dos educandos, valorizando o vínculo entre escola, família e comunidade. Pode promover, além disso, condições para potencializar as

afetividades humanas, construindo um espaço de solidariedade, respeito e pacificação. É nesse espaço que se constroem, muitas vezes, laços de amizades que ultrapassam os muros da escola.

Entende-se, portanto, que o ambiente escolar é onde se prepara pessoas para a convivência em sociedade, por meio de uma formação crítica e humanizadora. No entanto, às vezes esse convívio pode se tornar angustiante na vida de algumas pessoas. Por isso é mister ressaltar que as brincadeiras no espaço da escola entre os alunos só são divertidas quando não prejudicam os seus pares.

4.1 O papel da escola frente à violência entre os alunos

A instituição escolar tem poder de agenciar medidas eficientes no enfrentamento e combate ao *bullying* em seu espaço. Os docentes, em especial, precisam estar atentos ao problema independente das questões afrontadas pela classe de alunos. Não se pretende afirmar que as descontrações devem ser eliminadas, mas que as atitudes e os comportamentos devem primar por uma relação de respeito e humanidade.

No entanto, o ambiente escolar pode ser também um lugar de provocações, intimidações, exclusão e a disseminação de agressividade das diversas formas. Sendo assim, essa organização, estrutura e funcionamento impedem a efetivação de seu principal papel, que é a formação de sujeitos para a participação social e para o mundo de trabalho.

É de suma importância o diálogo entre estudante e professor no contexto da sala de aula. Desse modo, o professor vai conhecer seu aluno e aprender a lidar com as dificuldades de cada um, respeitando as diferenças e atendendo às necessidades individuais.

A escola tem a responsabilidade de educar e preparar o aluno para viver na coletividade, porém, entende-se que a agressão no ambiente escolar provoca desestabilidade no convívio entre as pessoas. É indispensável, portanto, que a conjuntura escolar tenha uma relação participativa junto à família, para que a mesma possa entender melhor os verdadeiros motivos que estão ligados ao caso de indisciplina e assim saber superá-los.

> Além de a escola lidar com os conteúdos sistematizados através do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, ela deve também atuar com competência para resolver situações concernentes à disciplina dos alunos na sala de aula e em outros ambientes de aprendizagem. (MORAES e FERREIRA, 2018).

O papel da escola não é apenas trabalhar os conteúdos científicos, mas também promover situações que envolva o respeito ao próximo. Em se tratando da indisciplina, a escola pode promover encontros onde possa se expor as normas que devem ser respeitadas e as responsabilidades que devem ser assumidas. Os direito e deveres dos alunos existem para que eles tenham uma aprendizagem integral e de qualidade. “As normas devem ser bem definidas, claras (o quê, para quê, quem, quando, onde, como, qual a consequência, etc.), colocados por escrito; pode parecer burocracia, mas, na verdade, ajuda a objetivar”. (VASCONCELOS, 2001, p.60).

Os alunos precisam perceber que a convivência em sociedade também acontece por meio de regras. Por essa razão, necessitam saber conviver com respeito, cooperação e solidariedade ao próximo. A família pode orientar nessas atitudes desde a tenra idade, afim de que compreendam os modos das relações sociais na vida adulta posteriormente. Para tanto, o estudante deve conhecer e compreender as normas e regras para que possa colocá-las em prática.

> A escola é responsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os conselhos tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente e etc. Caso não faça poderá ser responsabilizada por omissão. (Cartilha da CNJ, 2010, p. 12).

Nota-se, portanto, que a escola tem grande responsabilidade em casos de *bullying,* uma vez que é o espaço onde se evidencia de forma mais expressiva atitudes correlacionas a práticas de violência e agressões entre crianças e adolescentes. A organização de atividades com propostas educativas diversas é de suma importância no processo de ensino e aprendizagem. A escola pode proporcionar esses momentos importantes para a formação do sujeito na dimensão da pedagogia sentimental e afetuosa dos estudantes.

Nesse sentido, destaca-se que os professores têm papel indispensável na construção da criticidade dos alunos, mas também podem influenciar no pensamento positivo e no combate de problemas sociais que acarretam consequências para a aprendizagem dos alunos, como o fenômeno *bullying*.

> A escola exerce enorme influência na formação do indivíduo, pois, cabe a ela trabalhar de forma sistematizada e metodológica para cumprir sua finalidade que é educar para a cidadania. Nesse sentido, a escola adquire enorme importância para a vida dos cidadãos. (MORAES e FERREIRA, 2018).

Existe notória relevância da escola na formação de cidadãos, pois ela contribui significativamente para a atuação social. No entanto, ela precisa desenvolver práticas que valorizem a relação entre as pessoas, destacando o respeito, os princípios éticos e morais nos diversos contextos sociais.

A família tem contribuição na formação cidadã, mas ela deve atuar em parceria com a escola e a comunidade local, sobretudo para fomentar o desenvolvimento dos educandos nos aspectos cognitivos, morais e sociais.

> O desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem precisa ser eficiente, ter qualidade e preparar o aluno para a aquisição de aptidões, habilidades e conhecimentos, elementos tão necessárias para a vida em todos os tempos. Os alunos devem ser orientados a aperfeiçoar e/ou adquirir valores, como: controlar impulsos; respeitar regras e limites; ter responsabilidade e ser comprometido com compromissos da vida pessoal – escola, família, – entre outros. (MORAES e FERREIRA, 2018).

Em linhas gerais, o espaço escolar é um ambiente de responsabilidades, bem como a instituição família. Por ser assim, os educandos devem compreender seus limites e obrigações; devem assumir seus compromissos e respeitar as normas estabelecidas.

Com a relação família e escola, tem-se maior viabilidade de alcançar tais objetivos. Nem a família pode atuar sozinha, nem a escola pode assumir total responsabilidade. Ambas podem agir em colaboração, mediante o apoio mútuo. Segundo Tauil, Paula e Costa (2009), a desestruturação da família cultural e pedagógica são as principais razões que desencadeiam condutas de violência, que conduz a práticas do *bullying*.

Sabe-se que a agressão e as ofensas fazem parte de vários contextos. E a escola, por ser um lugar de coletividade, é vulnerável a esses acontecimentos. Muitos podem não conhecer a terminologia *bullying*, mas isso não representa a sua inserção nesses espaços de convivência. É crucial medidas de prevenção e combate a quaisquer atos violentos e ofensivos.

Uma circunstância presente nas escolas é o fato de a maioria dos agressores não exporem suas atitudes a pessoas que possam resolver o caso. Da mesma forma, as vítimas são silenciadas por medo das consequências. Por isso é

imperioso a atenção dos profissionais da educação e dos familiares para os comportamentos dos alunos/filhos.

É importante que a escola assuma o seu papel educativo e busque parcerias com outros espaços educativos. Na escola, deve-se contar com a presença de profissionais especializados em áreas diversas, na intenção de verificar precocemente os problemas e solucioná-los com brevidade.

A escola precisa possibilitar meios que promovam o bem-estar dos alunos. O desenvolvimento de atividades na escola que estimulem as habilidades e capacidades dos alunos, por meio de metodologias inovadoras, com ambientes saudáveis, relações de harmonia com respeito às diferenças e valorização das particularidades, é um meio de prevenir problemas de socialização dos educandos. Em outros termos, é uma forma de impedir sentimentos de hostilidade ou repulsa na convivência escolar, potencializando diversas aprendizagens e preparando-os para o futuro.

4.2 O papel do professor diante o fenômeno do *bullying*

O espaço escolar é um ambiente de padrões para o desenvolvimento do sujeito e formação de sua personalidade. A convivência escolar permite ao estudante o contato com o maior número de indivíduos com diferentes particularidades. O aluno pode ou não se reconhecer como um, mas aquele que não se reconhece com nenhum desses arquétipos de larga anuência social pode repentinamente se tornar uma das vítimas de agressão.

As diferenças nas características da personalidade e o tipo físico devem ser respeitados, em vez de se intensificar a discriminação e, por conseguinte, os abusos e violências.

O professor precisa conhecer o fenômeno social *bullying,* saber como ele se manifesta e quais suas consequências. Esse é o primeiro passo a fim de precavê-lo no contexto da sala de aula. O docente não é a única pessoa responsável por esse problema social, entretanto, está mais diretamente ligado com as atitudes e comportamentos dos alunos.

No dia a dia da escola, a atuação do professor pode ou não causar condições favoráveis à prática do *bullying*. Pavan (2007) enfatiza a importância da

função do professor no contexto da sala de aula. Menciona que é imprescindível ter consciência do papel do professor como mediador e organizador do espaço de aprendizagem, estabelecendo um clima de respeito mútuo por meio do diálogo.

Aluno e professor convivem diariamente e, muitas vezes, até mais do que a convivência com os seus familiares. Nesse sentido, o professor age como modelo de reconhecimento, tendo em vista que muitas aprendizagens acontecem de maneira inconsciente, por reprodução de atitudes, comportamentos, observando-o e internalizando saberes espontâneos da vida cotidiana. O comportamento do docente, portanto, pode influenciar na conduta de seus alunos. É necessário, pois, que seja uma influência positiva e producente.

É importante que a heterogeneidade seja discutida em sala de aula, de modo que os estudantes apreciem a diversidade de culturas e posicionamentos. Que sejam potencializadas as ações criativas dos alunos. Desse modo, o professor assume uma função acentuada na precaução e combate de condutas discriminatórias, uma vez que seus atos podem ou não causar condições propícias a esse comportamento.

O professor também precisa ser norteado, de maneira que possa utilizar a criatividade, aperfeiçoar sua atuação educativa, diversificar procedimentos metodológicos, relacionar conteúdos de maneira contextualizada, trabalhar conteúdos de maneira interdisciplinar, saber trocar opiniões e técnicas com os demais professores, planejar as atividades utilizando distintas técnicas, agregar os artifícios tecnológicos da comunicação e informação à prática educativa, desenvolver relações e vínculos afetivos com os estudantes, incentivar o aluno a ter desejo pelo aprendizado e incitar a criatividade e curiosidade e dos aprendizes, acrescer a autoestima do estudante, respeitar, ouvir e estimular seu desempenho.

É de suma importância que o professor trabalhe os temas transversais, estimule os alunos a desenvolver trabalhos em grupo, aplique tarefas educativas por meio de dinâmicas coletivas, com valorização de condutas apropriadas ao contexto escolar. Que o professor desenvolva atividades por meio de jogos pedagógicos e de outros recursos que possam estimulá-los no envolvimento e interação.

Segundo Vasconcelos (2009), existem diferentes posturas que o professor adota em sala de aula, como por exemplo a exclusão: ou só o professor tem vez na sala de aula ou só o aluno. Certas tomadas de decisões do professor pode pesar muito para o aumento da indisciplina, podendo deixar o aluno ainda mais

bagunceiro e indisciplinado. Com isso, o professor deve ficar atento com suas atitudes, como colocar o aluno pra fora da sala de aula, fazer ameaças, encher a lousa com dever para os alunos copiarem. Tudo isso pode prejudicar tanto a aula que o professor deseja realizar, como também pode prejudicar o aprendizado dos alunos.

> O limite é necessário na formação do sujeito. O educador não deve se sentir culpado por fazer uso dele. As crianças assim como o jovem e o adulto- precisam de limites. No entanto não é qualquer limite ou qualquer forma de trabalhá-lo que são educativos. Os educadores conscientes procuram distinguir os limites necessários, que ajudam a crescer, e os limites arbitrários, frutos do capricho ou de estados emocionais afetados (impulsos). (VASCONCELOS, 2009, p.170).

É necessário colocar limites. No entanto, isso não pode ser motivo para o professor extrapolar ou deixar o aluno fazer apenas o que lhe convém ou deseja. O docente deve ser cauteloso e saber agir em cada situação, não permitindo espaço para a indisciplina. Também não deve atuar com autoritarismo para que não haja conflitos na relação entre aluno e professor.

> A exigência do respeito aos limites estabelecidos é fundamental. A evocação de limites por parte do professor evita que exceda sua própria capacidade de tolerância e acabe explodindo depois. É papel da criança e do jovem testar (estão construindo sua identidade); é papel do educador (pai, professor, etc.). (VASCONCELOS, 2009, p.172).

As restrições não dizem respeito somente ao aluno, mas também ao professor, pois todo ser humano precisa saber controlar seus impulsos e respeitar o outro, tendo em vista que, se o professor não se impor, poderá complicar o ambiente harmonioso e saudável da classe.

> O trabalho com jogos tem sido de grande valia para que os alunos aprendam a respeitar limites. No jogo, devem esperar a vez e agir de acordo com as regras estabelecidas. Aprendem a ganhar e a perder. Os jogos envolvem respeito, cooperação, frustração, dedicação, atenção, lidar com fracasso e êxito, e tudo isso naturalmente dentro de um contexto significativo, uma vez que correspondem à satisfação da necessidade lúdica do ser humano (jogo pelo jogo, pelo prazer de jogar). (VASCONCELOS, 2009, p.174).

Desse modo, acredita-se que o docente pode trabalhar o problema da indisciplina a partir do uso de metodologias diversificas nas aulas. É comum os professores usarem procedimentos didáticos repetitivos, que causam desinteresse no aluno. Nesse sentido, a inovação nas práticas pedagógicas pode representar um ambiente dinâmico e acolhedor, por meio de jogos, brincadeiras, vídeos, revistas ou textos que despertem a atenção e curiosidade dos alunos, tornando-os mais participativos.

Essas práticas influenciam na socialização dos alunos, proporcionando liberdade para expressarem suas emoções, inclusive se sentirem ameaças e constrangimentos por parte dos colegas. Vasconcelos (2009) ressalta que a afetividade entre professor e aluno é um fator fundamental.

> O trabalho em sala de aula não transcorre baseado apenas na cognição; se assim fosse, grandes problemas estariam resolvidos. Ocorre que, na realidade, há uma grande carga afetiva envolvida, podendo passar por agressão, busca de afeto ou aceitação. (VASCONCELOS, 2009, p. 88).

Ressalta-se ainda que a afetividade entre professor e aluno é imprescindível, considerando que o ensino e aprendizagem não ocorre apenas de maneira sistematizada dos conteúdos, mas também por intermédio do vínculo afetivo, da amizade, confiança e respeito entre professor e aluno. Portanto, um elemento imprescindível no contexto da sala de aula é a relação amistosa entre professor e aluno. Pois dessa forma os alunos sentem confiança no docente, compartilhando suas particularidades e eventuais situações adversas.

Os educadores precisam ter ideais profissionais e posturas éticas para atuarem na escola, pois, apesar de toda amplitude e complexidade na área educacional, é possível conquistar o aluno, a comunidade escolar e a sociedade em geral. Sobretudo, é preciso promover a autoestima dos educandos, estimulando-os a serem producentes mesmo com todas as limitações. Assim, os professores podem prevenir o *bullying,* com respeito às particularidades, valorizando as diferenças e proporcionando oportunidades de socialização.

4.3 Escola e família na formação de valores dos alunos

Entende-se que às crianças e aos adolescentes são atribuídos direitos necessários à formação de sua personalidade, cabendo aos grupos responsáveis por esse desenvolvimento desempenhar seus papéis adequadamente, tendo em vista que tanto a família quanto a escola influenciam nesse processo. Além disso, há que se considerar que a formação do sujeito depende sobremaneira das condições que as instituições família e escola oferecem aos sujeitos, pois a educação implica um processo complexo, com contextos e circunstâncias diversas. E os ambientes em que a criança se insere influencia diretamente na sua aprendizagem

A constituição dos valores nos sujeitos acontece por meio de uma ação lenta e gradativa. Eles não apenas excedem objetos e condutas, mas servem, especialmente, como modelos de atitudes e condutas, para comparações e análises do outro e também de si.

A constituição dos valores é resultado de ações de interação entre os sujeitos, a cultura e o mundo em que vivem. Essas ações acontecem influenciadas por uma dinâmica de significados e ressignificações sobre os sujeitos, os objetos, as condições que possuem ou de alguma importância que é atribuída por esses sujeitos.

A participação frequente e ativa da família na escola é fundamental na contribuição da disciplina do aluno, pois permite que os pais ou outros responsáveis tenham informações sobre os atos e desempenho do seu filho podendo ajudar a escola nas situações que estiverem ao seu alcance. Com isso, é imprescindível o acompanhamento da família na escola.

> Todos os sujeitos constroem, em cada época, certos valores, princípios ou, ainda, normas que regem seus comportamentos. Com o ingresso no contexto escolar, o aluno participará de redes de significações diferenciadas sobre as pessoas, eventos, situações, comportamentos. Interagir com esses diferentes contextos oportunizará ao indivíduo ressignificações na base de uma educação de valores que ocorreu, inicialmente, no contexto familiar. As relações interpessoais que estabelecerá com outros alunos, professores funcionários, especialistas, além dos aspectos materiais e físicos, constituem fonte indispensável e enriquecedora da constituição desse sistema de valores. (MAGRO e TREVISOL, 2018).

O ambiente escolar não deve privilegiar apenas a promoção ao conhecimento sistematizado, mas conceber um espaço de convivência e constituição orientada, com a finalidade de promover a autonomia intelectual e também moral do sujeito. De acordo com o art. 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

> O ser humano não possui somente o direito de frequentar escolas, mas também, na medida em que vise à educação ao pleno desenvolvimento da personalidade, o direito de encontrar nessas escolas tudo aquilo que seja necessário à construção de um raciocínio pronto e de uma consciência moral desperta. (BRASIL, 2015, n/p).

Não se pode considerar que a constituição da moral e dos valores seja responsabilidade exclusiva da família, porque também se expande à escola. Dessa forma, precisa-se refletir sobre a educação dos alunos como um processo de atuação de duas instituições importantes: família e escola.

> Refletir sobre a temática da educação de valores e a medida de atuação da família e da escola, instâncias educativas que demarcam o processo de construção dos valores ao longo de um período significativo de desenvolvimento e de aprendizado do indivíduo, é algo necessário na atualidade, em virtude de que a aceleração da vida contemporânea, das novas configurações do universo da família e do trabalho tem dirigido à escola um papel determinante na educação de valores e da formação moral dos alunos. Além disso, a ética e os valores surgem com urgência de serem resgatados não como modismo, mas como necessidade diante dos graves problemas que os indivíduos e a própria sociedade enfrentam no trato e no convívio entre si e com seu entorno. (MAGRO e TREVISOL, 2018).

A família precisa ser parceira da escola e não jogar a responsabilidade de educar somente para a escola, pois o seu apoio contribui para o crescimento e desenvolvimento do aluno em processo de formação. A base familiar ajuda na formação de qualidade dos indivíduos, no que se refere à formação de valores bem definidos. Vale ressaltar que atitudes agressivas geram violência, portanto, faz-se necessário que a escola converse com as famílias, que cada uma assuma sua responsabilidade na formação cidadã do aluno/filho.

É indispensável que a escola envolva os pais nas atividades escolares, conscientizando-os da importância de sua participação. Existem várias maneiras de envolver a família nas atividades da escola, além das reuniões. Cabe à equipe escolar criar alternativas que oportunizem à família a se fazer mais presente na vida escolar de seus filhos. O *bullying* é uma grande ameaça para a coletividade e combatê-lo é um compromisso de todos.

Mesmo que a escola não disponibilize de recursos adequados para desenvolver um trabalho de qualidade com os pais, precisa manter com a família um contato direto, com o intuito de ajudar os alunos em qualquer tipo de dificuldade apresentada. A participação da família contribui na formação de sujeitos críticos, participativos e responsáveis, pois é no seio familiar que se têm a base de sua existência.

De acordo com Moraes e Ferreira (2011), as famílias que se encontram em situações de conflitos devem ter o cuidado para que as crianças não sejam atingidas. Precisam resolver a situação sem que elas se envolvam. Os pais devem afastar qualquer tipo de problema que possa prejudicar o desenvolvimento escolar de seu filho. Os pais precisam também de equilíbrio emocional para não permitirem que os problemas familiares afetem a vida escolar dos alunos.

Quando a família se desestrutura, o aluno pode sentir o reflexo e apresentar mudanças de comportamento na escola. A família deve ajudá-lo e não

acarretá-lo de preocupações por conflitos familiares. Caso a família não se sinta capaz de fazê-lo, deve procurar apoio, por exemplo, da escola. Assim estará evitando prejuízos para o alunos e protegendo-os de transtornos futuros.

> O melhor a fazer contra a violência é criar projetos de médio a longo prazo que leve a compreender e solucionar o problema, que envolva não só os alunos mas toda a equipe pedagógica da escola. [...] É preciso que as escolas conheçam e reconheçam a realidade dos seus alunos para definir as melhores propostas a serem realizadas, estando sempre preocupados com a interação com a família, tendo consciência que esta tem um papel importantíssimo na educação de seus filhos. (SOUSA e MENDES, 2018).

Nessas condições, faz-se necessária a colaboração da família com a escola. Torna-se mais viável a integração do aluno nas atividades escolares, quando o aluno se sente acolhido. Isso contribui consubstancialmente para um processo educacional de qualidade. Por outro lado, quando os pais não se fazem presentes nas ações escolares, cabe à escola assumir esse papel, procurando superar essa carência dos pais em relação ao acompanhamento escolar das crianças.

Vale ressaltar que não é somente a escola e a família os responsáveis pela prevenção e combate ao *bullying*. O aparelho governamental também precisa se responsabilizar por meio de políticas públicas. Além disso, a comunidade em geral precisa conhecer esse fenômeno, suas causas e consequências, a fim de colaborar no combate e prevenção dessa problemática social

5 TRAÇANDO O PERFIL DAS VÍTIMAS E AGRESSORES DO *BULLYING*

As principais razões que influenciam na agressão são ambientais, cognitivo-sociais, biológicas, e de personalidade. Em relação aos aspectos biológicos, destaca-se que eles não são tão perceptíveis, porém, reconhece a vivência de investigação que recomenda a existência de aptidões biológicas na agressão, visto que é natural registros de ocorrências de violência mais por parte de pessoas do sexo masculino do que do sexo feminino. (SOUSA, 2018)

Segundo Sousa (2018), sobre os aspectos ambientais, são muito acentuados, levando em conta que a família é a base referencial para seus filhos, isto é, a conduta da família interfere de maneira positiva ou negativa no comportamento dos filhos. Assim, se a família atuar de modo agressivo, regularmente, seus componentes também tem tendência a se tornarem agressivos.

Ainda segundo o autor supracitado, os fatores cognitivo-sociais estão inteiramente atrelados à conduta violenta e se exibem diante dos problemas interpessoais, transformando, desse modo, sua habilidade de pensar e agir, levando o sujeito agredido a se isolar dos demais sujeitos.

Em relação aos aspectos de personalidade, Sousa (2018) afirma que os atacantes demonstram ter encanto em atormentar suas vítimas. Exibe-se, nesse episódio, a vontade de agir com atrocidade diante das dificuldades, atuando, na maioria das vezes, sem pensar.

De acordo com Fante (2010), a maioria dos sujeitos agredidos, por sentirem vergonha, não comunica a ninguém acerca do que estão vivendo. E poucos contam com a ajuda da escola a seu favor. Ainda no entendimento de Fante (2010, p. 6),

> As vítimas de *bullying* tendem a perder a autoestima, sentir-se envergonhadas, sofrer de ansiedade e passar a desgostar da escola. Frequentemente faltam às aulas para evitar nova agressão. Aquelas que permanecem na escola, frequentemente, desenvolvem problemas de concentração e dificuldades de aprendizado. Outras reagem.

Percebe-se que as pessoas vítimas da prática de *bullying* são mais propícias a exibir perda de sua autoconfiança, passam por amarguras e se desgostam da escola. Por sucessivas vezes, deixam de ir à aula para evitar novas agressões. O indivíduo que continua frequentando a escola, a cada dia, mostra dificuldades de aprendizado. Outros atuam do mesmo modo com que foi agredido a fim de reconquistar o seu espaço.

> Nos casos mais graves, as vítimas de *bullying* sofrem de tensão crescente, um risco mais alto de abusar de drogas e do suicídio. Essas crianças apresentam cinco vezes mais probabilidade de sofrer de depressão do que seus colegas, sendo que as meninas apresentam oito vezes mais chances de cometerem o suicídio. Mas os agressores também enfrentam problemas – eles têm maior probabilidade de sofrer de ansiedade e depressão e estão sob risco mais elevado de cometer suicídio e autoflagelação agressivamente, algumas vezes, intimidando outros colegas em um esforço de reconquistar seu status. (FANTE, 2010, p. 6)

É importante ressaltar que os indivíduos que sofrem as agressões passam por subversões crescentes, chegando às vezes até utilizar drogas e a tentar o suicídio. Essas pessoas estão mais vulneráveis a apresentar problemas depressivos em relação às outras pessoas. Ressalta-se que as do sexo feminino são mais propícias a cometerem suicídio. É preciso pontuar que os agressores também estão vulneráveis a problemas psicológicos, à ansiedade, à depressão, além dos riscos de cometerem o suicídio. (FANTE, 2010).

Para Silva (2010), sobre as consequências e comportamento do *bullying*, além de os atacantes desse fenômeno escolherem suas vítimas que se mostram em condições desiguais de poder, é comum estas apresentarem baixa autoestima, agravando muito mais o problema vivente. E, sobre as consequências originadas pelo *bullying*, a autora também destaca que as práticas de violência ao indivíduo acarretam sérios problemas não somente à saúde física, mas também à saúde mental.

> Os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjoo), diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asmas, sudorese, tremores, sensação de “nó” na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos. (SILVA, 2010, p. 25).

Nessa abordagem, as implicações do *bullying* ocasionam graves problemas para a vida humana. À medida que os sujeitos apresentam esses diferentes tipos de sintomas, tendem a se fechar, o que agrava ainda mais a problemática. Nesse sentido, vale ressaltar que algumas perturbações estão inteiramente ligadas com à prática do *bullying*, como o medo. A esse respeito, Silva (2010, p. 25) explica:

> Caracteriza-se pelo medo intenso e infundado, que parece surgir do nada, sem qualquer aviso prévio. O indivíduo é tomado por uma sensação enorme de medo e ansiedade, acompanhada de uma série de sintomas físicos (taquicardia, calafrios, boca seca, dilatação da pupila, suores etc.), sem razão aparente. Um ataque de pânico dura, em média, entre vinte e quarenta minutos. Esse curto espaço de tempo é um dos momentos mais angustiantes que um indivíduo pode vivenciar.

Nessa conjuntura, o pânico também se caracteriza como uma consequência do *bullying,* uma vez que os sintomas revelados concebem para o sujeito agredido uma aflição enorme pelo temor que surge de repente, sem que o indivíduo esteja esperando. Esse efeito angustiante, quando aparece, dura aproximadamente de 25 (vinte e cinco) a 40 (quarenta) minutos e angustia intensamente o sujeito, do mesmo modo que sentem as vítimas de agressão do *bullying*. Moreira (2010, p. 138), assinala que:

> A dor moral não é como a dor física que você pode localizar facilmente. A dor moral está espalhada por todo o corpo, porque sua sede é o corpo emocional, então a dor moral é a dor da alma. Quem sofreu qualquer tipo de constrangimento, humilhação, injustiça, agressão moral e acusações falsas traz no olhar e na expressão corporal o reflexo da dor sentida na alma.

Nessa lógica, a aflição moral incide em abalar todo o esquema estrutural do sujeito, visto que, quando sua moral é perturbada, abala todo seu esquema corporal, especialmente quando o sujeito é julgado de maneira injusta. Em relação à fobia escolar, essa também tem uma conexão muito forte com as pessoas vítimas do *bullying.* Considerando o que afirma Silva (2010, p. 26),

> Caracteriza-se pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar. Quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes.

Evidencia-se que o sujeito que sofre de fobia social apresenta visivelmente dificuldades escolares, chegando às vezes a desistir de estudar por não se sentirem bem em estar no mesmo espaço com aquele em que causou esse transtorno. Para ele, não é fácil ficar frequentando o ambiente que lhe faz lembrar de situações constrangedoras e angustiantes.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei de número 8.069/90, em seu art. 70 determina que: “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente”. (BRASIL, 2010, p. 47). Assim, o art. 70 dessa lei atribui ao povo, de maneira geral, o dever de precaver acontecimentos ou violações dos direitos às crianças e adolescentes. Toda a coletividade precisa ter cuidado quanto à prática de atos prejudiciais a esse público, sobretudo as pessoas adultas, pois tem mais condições de protegê-las. No artigo 98 dessa lei supracitada, sobre as medidas de amparo às criança e aos adolescentes:

> As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta lei forem ameaçados ou violados: I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III – em razão de sua conduta. (BRASIL, 2010, p. 47)

Desse modo, em acordo com o art. 70, o art. 98 robustece que o povo tem a obrigação de assegurar a esse público seus direitos enquanto sujeitos de direitos, ou seja, qualquer ação que infrinja a lei ocasionando violência ou qualquer tipo de chantagem contra essa população, os culpados irão responder de acordo com a justiça por suas atuações. No que se refere ao art. 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990:

> Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas: I – encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II – orientação, apoio e acompanhamento temporários; III – matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV – inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; V – requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; (BRASIL, 2010, p. 66)

Nesse enfoque, o artigo supracitado trata, designadamente, de algumas tomadas de decisões em favor das condutas adotadas pelas crianças e também pelos adolescentes. Caso eles atentem alguma ação infracional, terão atendimento educacionais distintos e peculiares a cada comportamento. São medidas de cuidado que os auxiliarão a viver socialmente, estratégias cogentes à sua constituição enquanto pessoas de direitos.

6 METODOLOGIA

Tendo como ponto de partida o objetivo deste estudo, que é analisar o *bullying* no contexto escolar e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem da escola Unidade Integrada Alexandre Costa, decidiu-se adotar o método de pesquisa estruturalista, o qual permitiu analisar que o regulamento de cientificidade da investigação não pode se atrelar a regras e padrões, mas estar em permanente modernização, como um conjunto de inúmeras técnicas metodológicas na qual o método precisa ser refletido como uma ação que conjuga em afluência a extensão epistemológica com o discurso teórico e a pesquisa empírica como tática educativa de problematização. (MARCONI e LAKATOS, 2011).

Concordando com esse ponto de vista no mundo acadêmico, o indivíduo investigador se torna parte constituinte da produção do saber. Seu ponto de partida especulativo, opções teóricas e sua filiação epistemológica estão atrelados à vida e se modernizam na vida-estudo, fazendo indagações em vez de somente procurar respostas.

A problematização requer do investigador uma posição epistemológica ante seu objeto de investigação. A partir desse ponto de vista, afasta o sujeito pesquisador das veracidades absolutas, de um caráter positivista e funcionalista para a instrução metodológica. Assim, o estruturalismo permite um diálogo com a extensão social das ciências humanas.

6.1 Tipo de pesquisa

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em que foram consultados autores em seus respectivos livros, artigos, revistas e sites que abordam a temática a fim de se ter um embasamento teórico consistente. A pesquisa, antes de ser desenvolvida, foi discutida e planejada para assim criar objetivos e um norte para que a busca de informações não ocorresse de forma aleatória, mas que assegurasse o êxito da investigação.

O método abordado na referida pesquisa foi de cunho dedutivo. Para Marconi e Lakatos (2011, p.106) “O método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade”.

Esse tipo de pesquisa está direcionado para levantamentos, identificação e descrição de problemas de natureza organizacionais, como por exemplo, instituições de ensino, grandes empresas comerciais, etc. (MARCONI e LAKATOS, 2011). Ainda segundo as autoras supracitadas, a pesquisa qualitativa é uma pesquisa sobre um grupo de fatos ou fenômenos que se realizam a partir de hipóteses apoiadas às teorias. Tem suas descobertas orientadas sistematicamente, sem isso ela passará de um determinado e inexpressivo.

Entende-se por pesquisa qualitativa aquela que determina a qualidade das atividades de investigação e pode ser chamada também de descritiva por representar por meio de palavras o resultado da pesquisa.

A pesquisa foi realizada a partir de pressupostos teóricos- metodológicos de ordem qualitativa-descritiva, utilizando como técnica de coleta a observação e a aplicação de questionários junto aos alunos da turma do 5º ano do Ensino Fundamental e aos profissionais que atuam no turno matutino da escola U. I. Alexandre Costa com o objetivo de obter informações indispensáveis para fundamentar e validar a referida pesquisa. A eles foram entregues os questionários na respectiva escola, e foi dado um prazo para responderem, deixando-os à vontade para elaborarem suas respostas.

6.2 Universo e amostra

A escola campo na qual se realizou a pesquisa foi a Unidade Integrada Alexandre Costa, pertencente à Rede Pública municipal de ensino do município de Chapadinha, no estado Maranhão.

A pesquisa de campo envolveu uma amostra de 01 (um) gestor, 01 (um) supervisor, 21 (vinte e um) alunos e 03 (três) professores atuantes na turma do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais da referida instituição.

6.3 Instrumentos de coleta de dados

Durante a pesquisa de campo, ocorreram observações e logo após realizou-se a coleta de dados. O instrumento utilizado foi um questionário de questões abertas e um de questões fechadas, sendo 10 (dez) questões abertas para

os profissionais de educação e 05 (cinco) questões fechadas para os alunos, objetivando obter informações para fundamentar e validar a referida pesquisa.

6.4 Caracterização da escola campo

O interesse em analisar o *bullying* no contexto escolar e suas graves consequências no processo de ensino e aprendizagem na escola U. I. Alexandre Costa foi o elemento mobilizador para a realização desta pesquisa. A escolha da referida instituição escolar deu-se pela localização e a abertura da equipe escolar para o desenvolvimento desta investigação, sendo feita durante o período de 06 (seis) a 24 (vinte e quatro) de agosto de 2018 (dois mil e dezoito oito) com alguns profissionais do turno matutino.

A Unidade Integrada Alexandre Costa, situada na Rua Gustavo Barbosa, s/n no Bairro Corrente, na Cidade de Chapadinha – MA, oferece o nível e modalidade de Ensino Fundamental de 1° a 9° Ano. Essa escola recebeu esse nome em homenagem ao Deputado Estadual Alexandre Costa que, ciente da necessidade de que a comunidade do entorno da escola tinha de estudar, uma vez que moravam em bairros distantes das escolas existentes. Com esforço e pedido da professora fundadora Antônia de Carvalho Pinto, o deputado fez uma doação substancial em dinheiro e todo material necessário para que a escola pudesse funcionar e oferecer oportunidades para as pessoas que moravam nos bairros circunvizinhos.

A escola Unidade Integrada Alexandre Costa está inserida em um bairro bem próximo ao centro urbano da cidade de Chapadinha em que em torno de 60% (sessenta porcento) da comunidade são de pequenos agricultores (lavradores), os outros são profissionais liberais autônomos, funcionários públicos, aposentados e trabalhadores rurais. A maioria recebe Recurso do Governo Federal “Bolsa Família”.

Quanto à estrutura física, a escola dispõe de 08 (oito) salas de aulas, 01 (um) depósito, 01 (uma) secretaria, 04 (quatro) banheiros, 01 (um) laboratório de informática, 01 (um) depósito, 01 (um) almoxarifado, 01 (uma) área aberta interna e 01 (uma) biblioteca.

A escola é composta de 35 (trinta e cinco) funcionários, sendo 01 (uma) gestora, 01 (um) supervisor, 02 (dois) assistentes de direção, 06 (seis) auxiliares de serviços gerais, 03 (três) vigias e 22 (vinte e dois) professores.

7 *BULLYING* E O ESPAÇO ESCOLAR: um estudo de caso em Chapadinha

O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar o *bullying* no contexto escolar e suas consequências no processo de ensino e aprendizagem na escola U. I. Alexandre Costa. Cabe destacar, pois, sobre os sujeitos que participaram desse estudo. Os nomes não serão divulgados para garantir a preservação de suas identidades, mas os conteúdos das declarações prestadas serão apresentados e analisados, a fim de atingir os objetivos dispostos neste material.

Assim, os participantes da pesquisa serão identificados por letras e números. O gestor será identificado pela letra G, o supervisor pela letra S, os professores por P1, P2 e P3. Quanto aos alunos, suas respostas serão apresentadas por meio de gráficos.

7.1 O *bullying* na visão do gestor, supervisor e professores

Nesta etapa do trabalho, apresenta-se as discussões e resultados relacionados às informações coletadas junto ao gestor, supervisor e corpo docente da turma do 5º Ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada.

Quadro 4 – Sobre a formação dos profissionais da educação

Sujeitos pesquisados	**Respostas obtidas**
G	*"Pedagogia"*
S	*"Pedagogia"*
P1	*"Pedagogia"*
P2	*"Pedagogia"*
P3	*"Pedagogia"*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Conforme se verifica nas respostas dos sujeitos participantes da pesquisa, todos possuem formação em nível superior. Entende-se que a formação profissional contribui categoricamente para a melhoria da qualidade do ensino. O professor qualificado tem maiores possibilidades de transformar de forma harmoniosa as necessidades de seus educandos e, por conseguinte, criar no espaço da sala de aula condições de os alunos conjeturarem acerca da realidade que os cerca.

Quadro 5 – O que entendem por *bullying*

Sujeitos participantes	Respostas obtidas
G	*"O bullying é algo que diminui o outro, quem pratica o bullying não tem conhecimento e não respeita as diferenças de cada um"*
S	*"É uma forma de agressão física ou psicológica"*
P1	*"Trata de abusos físicos, psicológicos intencionais e repetitivos cometidos sem motivação evidente"*
P2	*"São violências físicas ou psicológicas cometidas intencionalmente"*
P3	*"São tratamentos com diferenças, apelidos, rótulos, danos físicos e psicológicos"*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com as respostas, pode-se constatar que todos têm compreensão aproximadas sobre do fenômeno *bullying*, que também estão relacionadas com as ideias de Fante (2017) em que afirma que trata-se de uma forma de violência incidente principalmente entre estudantes no contexto da escola. Segundo a autora, é uma prática intencional e contínua de ações agressivas contra uma pessoa, sem motivos evidentes, mas com consequências de dor e sofrimento para as pessoas que vivenciam esse ato.

Com base nessas considerações, o *bullying* configura-se em uma ação violenta que acontece entre os sujeitos, algo comum entre os alunos e sem um motivo aparente. A vítima, por inúmeras vezes, é sujeitada a situações difíceis, e tem marca característica o desrespeito, a intransigência e o preconceito que invade as relações humanas em vários setores da sociedade.

Quadro 6 – Debates sobre a prática do bullying na formação profissional

Sujeitos participantes	Respostas obtidas
G	*"Sim"*
S	*"Sim"*
P1	*"Sim"*
P2	*"Sim"*
P3	*"Sim"*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Confirma-se, a partir das respostas, que durante a formação profissional já discutiram questões relacionadas ao fenômeno *bullying.* Esse fato implica na constatação de que são conscientes sobre o fenômeno *bullying,* que conhecem as

causas e consequências, bem como as formas de prevenção e combate, pois para refletir sobre o assunto apresentado são necessárias tais informações.

Compreende-se que é necessário que os profissionais de educação estejam preparados para enfrentar eventuais problemas que surgem em relação a agressões no contexto escolar, tendo em vista que esse é um problema escolar comum e diário. O espaço escolar é um ambiente de socialização e formação humana a fim de que o sujeito exerça sua cidadania com dignidade, por isso convém ressaltar as implicações que esse envolvimento coletivo pode ter no decorrer do processo.

Quadro 7 – Se estão preparados para intervir diante de uma possível violência de *bullying*

Sujeitos participantes	Respostas obtidas
G	*"Sim"*
S	*"Sim"*
P1	*"Sozinha não"*
P2	*"Não"*
P3	*"Não"*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Percebe-se que, em relação à intervenção para os problemas de *bullying,* os professores ainda não se sentem seguros para lidar com tais ocorrências, mesmo tendo participado de debates sobre o assunto em sua formação profissional. Nesse sentido, há que se pensar em investimentos e estratégias que proporcionem segurança e habilidades a esses educadores.

Capacitar esses profissionais é salutar para uma educação de qualidade e enfrentamento de eventuais problemas que surgem no contexto escolar, como o *bullying*. Sobre a capacitação profissional de enfrentamento e prevenção do *bullying*, Fante (2010, p. 5) enfatiza que é necessário:

> Capacitar a equipe escolar e demais parceiros da escola para a identificação, intervenção e encaminhamento dos casos de *bullying* estimular o desenvolvimento de ações de enfrentamento e promoção da cultura de paz, motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Assim, é notória a necessidade de qualificação profissional a todos que fazem a educação, uma vez que o preparo adequado permitirá aos profissionais fazerem as intervenções adequadas diante à ocorrência de *bullying*. É de suma importância que os atores sociais da educação, como a família, professores, alunos

e funcionários estejam realmente envolvidos com as atividades voltadas para a diminuição e eliminação da agressão no contexto escolar.

A sociedade tem condições de delinear combates, reconhecer necessidades, desejos, falhas e, sobretudo, sugerir soluções. Os diretores de ensino precisam ser capazes de incentivar e facilitar tais ações, fortalecendo a administração democrática nos aparelhos educacionais, aproximando as instituições família e escola, aprimorando a comunicação e promovendo o desenvolvendo pleno dos educandos.

Quadro 8 – Se já presenciaram algum caso de *bullying* no contexto da sala de aula

Sujeitos participantes	Respostas obtidas
G	*"Sim"*
S	*"Sim"*
P1	*"Sim"*
P2	*"Sim"*
P3	*"Sim"*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Constata-se, pois, que há ocorrências de *bullying* na escola pesquisada. Nesse sentido, fica comprovado também que a instituição escolar é um ambiente de representação das relações sociais e um lugar propício para reproduzir modelos de condutas, valores e maneiras de refletir e atuar. Tenório e Pimentel (2018) destacam que:

> A Violência é um fenômeno complexo e multicausal. É uma ação determinada através das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. A violência representa "a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior [...]. A ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas. Há violência.

Nessa abordagem, a violência é uma atitude humana e social, não havendo grupo social que esteja imune de atos violentos, uma vez que a ação violenta é uma problemática histórica e social. Entretanto, a escola é um ambiente de convivência, é um espaço no qual se ensina boas condutas e não um lugar isolado da sociedade. Portanto, precisa-se implantar medidas com a participação de outros setores públicos, com a intenção de conter atos agressivos e promover atitudes respeitosas e harmoniosas entre todos.

Quadro 9 – Sobre o que fazer ao presenciar um possível caso de *bullying* na sala de aula

Sujeitos participantes	Respostas obtidas
G	*"Debater com os alunos sobre a prática do bullying"*
S	*"Reconhecer a existência de que aquilo é bullying e conversar com os alunos sobre expressões preconceituosas"*
P1	*"Retirar os alunos da sala de aula e levar pra secretaria para tratar com os demais colegas o ocorrido"*
P2	*"Conversar com os alunos a respeito do bullying"*
P3	*"Chamar a família pra discutir o assunto"*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Percebe-se que esses profissionais procuram amenizar os atos violentos no contexto escolar, e que buscam apoio dos colegas de profissão e de familiares a fim de juntos tomarem as devidas providências. Isso é bastante relevante, tendo em vista que a escola não pode agir sozinha, sobretudo em se tratando de violência, pois são inúmeros os fatores que influenciam nessas práticas.

Quadro 10 – Se a escola na qual trabalham desenvolve algum projeto de combate ou prevenção do *bullying*

Sujeitos participantes	Respostas obtidas
G	*"Não"*
S	*"Ainda não"*
P1	*"Não"*
P2	*"Não"*
P3	*"Não"*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nota-se que a escola pesquisada não desenvolve nenhum projeto de combate ou de prevenção ao *bullying,* o que se pressupõe que a escola precisa urgentemente repensar sua prática, considerando os dados da tabela 5, em que todos os entrevistados afirmam acontecer casos de *bullying* no contexto da escola na qual trabalham.

Quadro 11 – Sobre qual a mais eficiente ação de combate ao *bullying*

Sujeitos participantes	Respostas obtidas
G	*"Palestras. Falar com os alunos a respeitar e aplicar projetos que envolva a família."*
S	*"Palestras"*
P1	*"O diálogo"*

P2	*“Diálogo com os pais”*
P3	*“Palestras”*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

No que se refere às estratégias de combate ao *bullying*, na percepção dos sujeitos participantes da pesquisa, a conversa, o diálogo ou palestras são as principais formas de se combater a problemática.

Quadro 12 – Quanto à prática de *bullying*, se influencia no processo de aprendizagem do aluno

Sujeitos participantes	**Respostas obtidas**
G	“Sim, com certeza”
S	“Sim”
P1	“Sim”
P2	“Sim”
P3	“Sim”

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Constata-se, na visão dos entrevistados, que a agressão escolar é um fator social intrigante que prejudica a aprendizagem dos alunos. A agressão no espaço escolar é um fenômeno que produz sinais e colabora para rupturas sobre as concepções educacionais, da escola como espaço de socialização, de aquisição e constituição de saberes, de formação do sujeito, com valorização da ética, da aprendizagem e do diálogo.

Quadro 13 – A maneira mais comum da prática de *bullying* cometida na escola

Sujeitos participantes	**Respostas obtidas**
G	“violência física”
S	“violência física”
P1	“ofensas verbais”
P2	“ofensas verbais”
P3	“ofensas verbais”

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Evidencia-se que o *bullying*, na escola alvo desta pesquisa, envolve sobretudo demonstrações de condutas violentas pela violência física e verbal. Nesse contexto, é notório que a instituição escolar precisa refletir sobre sua postura diante do *bullying*, necessita implantar medidas com o envolvimento de outros setores públicos, a fim de conter as condutas agressivas.

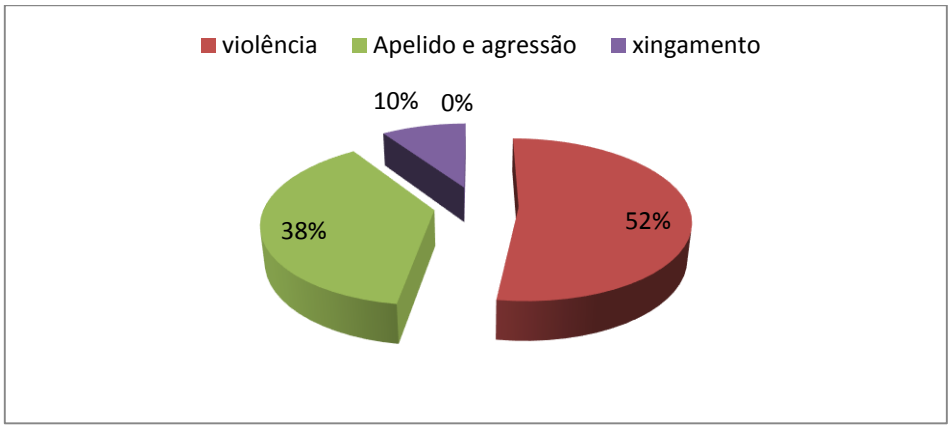
Vale ressaltar que o *bullying* na instituição escolar não pode ser analisado unicamente como um ato de fora para dentro, assim também como não pode ser visto como um ato provocado do seu interior para o exterior.

Portanto, urge a necessidade de discutir o *bullying* na escola. As práticas de violência (física ou verbal) acarretam em resultados negativos no ambiente de aprendizagens. Nesse sentido, entende-se a problemática do fenômeno *bullying* como algo que requer muito mais do que discussões no âmbito dos processos educativos, exige ações de enfrentamento para possibilitar a formação plena e integral dos sujeitos.

7.2 O *bullying* na visão dos alunos

As discussões em torno da prática do *bullying* devem ocorrer não apenas entre os profissionais da educação ou familiares, mas também entre os alunos, como forma de conscientizar, sensibilizar e promover o combate a esses problemas. Por ser assim, alunos também participaram desta pesquisa, sendo 21 (vinte e um) discentes da turma do 5º Ano do Ensino Fundamental.

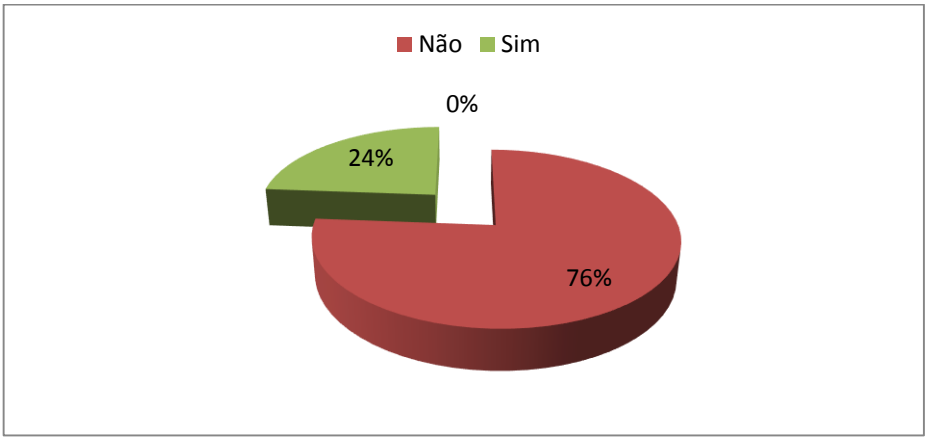
Gráfico 1 – O que entendem por *bullying*



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Observa-se que 52% (cinquenta e dois porcento) dos alunos que participaram da pesquisa entendem a prática de *bullying* como um ato de violência. 38% (trinta e oito porcento) como uma prática de apelidar e agredir alguém. E 10% (dez porcento) responderam que *bullying* é apenas um tipo de xingamento.

Gráfico 2 – Se já sofreram algum tipo de *bullying*

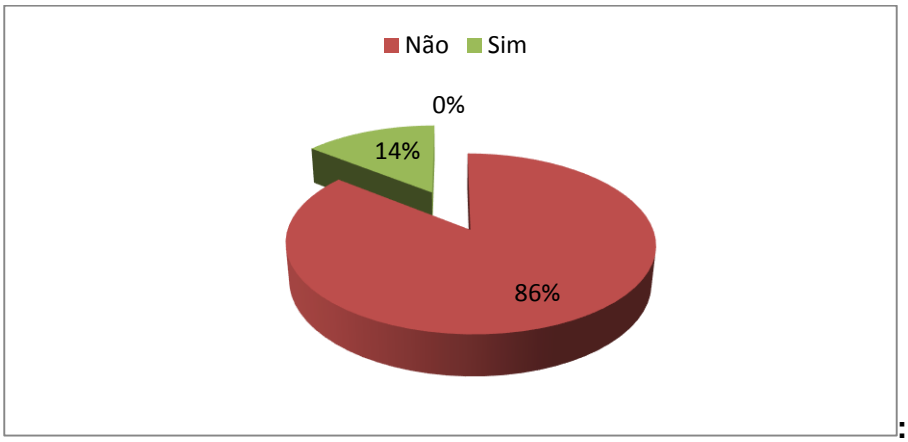


Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Evidencia-se que 24% (vinte e quatro porcento) dos alunos entrevistados afirmaram ter sofrido *bullying*. E mais da metade, 76% (setenta e seis porcento) não passaram por situações que se configuram por eles como *bullying*. Embora o número de alunos que afirmaram ter sofrido algum tipo de *bullying* seja aparentemente irrelevante, vale destacar que é um índice que não pode ser desprezado. Os dados evidenciam que a escola necessita repensar sua função enquanto formadora de sujeitos para viverem socialmente.

Entende-se que a escola desempenha uma função fundamental para a formação de pessoas, pois é onde os sujeitos passam boa parte de seu tempo, em interação com sujeitos de diferentes culturas. É na escola que se possibilita a apropriação de saberes e vivências, tornando seus alunos capazes de encarar as problemáticas com mais segurança e harmonia. Por isso, práticas de *bullying* não devem passar despercebidas.

Gráfico 3 – Se eles já cometeram algum tipo de *bullying* na escola



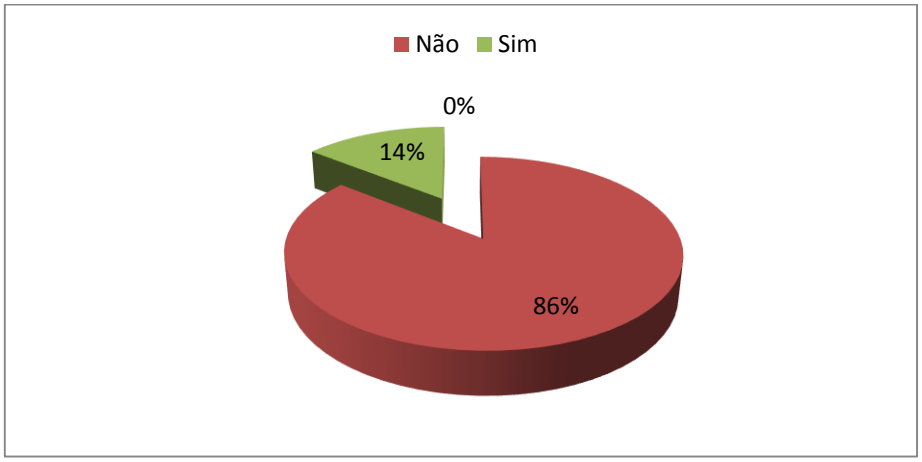
:

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Percebe-se que 86% (oitenta porcento) dos alunos afirmaram que jamais cometeram atitudes agressivas. Por outro lado, 14% (quatorze porcento) afirmaram ter cometido algum tipo de violência. Desse modo, ressalta-se que a convivência na escola precisa ser discutida a fim de que a harmonia ocupe um lugar de destaque no espaço escolar.

É fundamental que a escola garanta aos seus alunos uma formação crítica a fim de que eles se tornem cidadãos participativos, pessoas conscientes de suas atitudes e caráteres, para uma sociedade mais justa e igualitária. A escola é responsável pela promoção do saber científico articulado com a história acumulada pelo povo, visando à transformação social, bem como a superação de desafios impostos pela sociedade vigente.

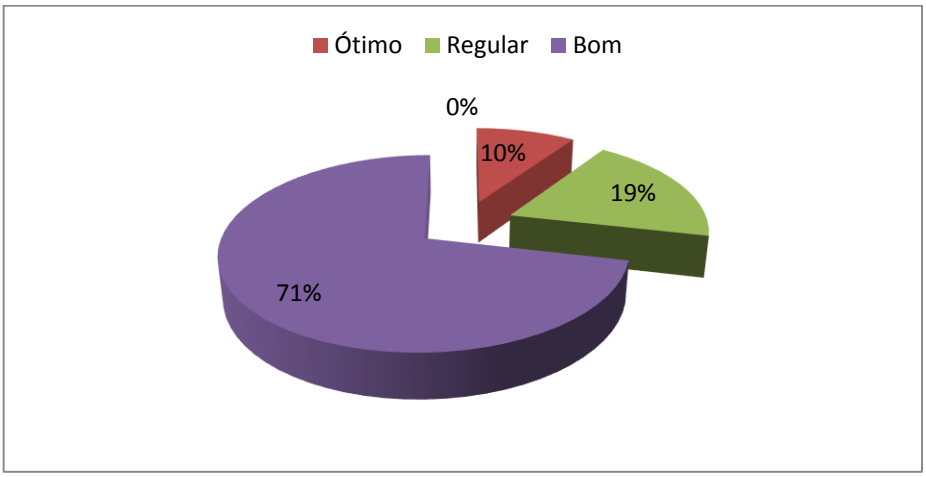
Gráfico 4 – Se são agredidos em casa



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Observa-se que 14% (quatorze porcento) dos alunos entrevistados afirmaram que são agredidos em sua casa, o que representa uma preocupação com o contexto familiar desses estudantes. A escola não pode atuar sozinha e, sem a parceria da família, a problemática torna-se ainda mais agravante. As instituições família e escola são fortemente influenciadoras da formação do sujeito. Dessa forma, as vicissitudes que acontecem no ambiente familiar representam ameaças para a instabilidade na formação do aluno.

Gráfico 5 – Como avaliam seu comportamento em sala de aula



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Como se percebe, 71% (setenta e um porcento) dos alunos entrevistados revelaram ter um bom comportamento em sala de aula, enquanto 19% (dezenove porcento) afirmaram ter uma conduta regular. E apenas 10% (dez porcento) afirmaram ter ótimo comportamento.

Assim, compreender o problema do *bullying* na escola é salutar para entender suas formas de manifestação, os diferentes e incoerentes significados que se apresentam através dos diferentes sujeitos que se comunicam no ambiente escolar (estudantes, família, docentes, trabalhadores, entre outros). No entanto, além disso, é imperioso ter a sensibilidade de perceber a manifestação das práticas do *bullying* e encontrar meios para solucioná-las.

Desse modo, entender a educação, na visão da ética e da condição de cidadão, é também envolver o dia a dia da vida dos sujeitos, suas distintas formas de sentir, refletir e atuar sobre o problema da violência em suas vivências. Dessen e Polônia (2018) argumentam que:

> Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva.

A família é considerada um aparelho social encarregado de transferir aos seus descendentes os valores éticos, morais e costumes culturais. Ela possui, portanto, uma influência significativa na conduta dos sujeitos, principalmente das crianças, que adquirem saberes de inúmeras maneiras.

As vivências familiares possibilitam a constituição de repertórios de condutas e atos, bem como a configuração de soluções para dificuldades e adversidade. Essas experiências agregam a vivência em grupo e individual em que os sujeitos sistematizam, intervêm e buscam as possibilidades para a manifestação das subjetividades humanas. O espaço escolar é um espaço fundamental no processo da formação humana e deve se constituir de elementos condutores para a formação da cidadania.

É através do convívio, das relações familiares que se consolidam as mudanças nas comunidades que, por sua vez, inspirarão os vínculos familiares futuros, evidenciando-se por uma ação de interferências bidirecionais: entre os elementos da família e os distintos espaços onde de dispõem os aparelhos sociais. Entre eles, a instituição escolar constitui uma influência essencial para o desenvolvimento do sujeito.

Portanto, ambas as instituições, escola e família, precisam estabelecer finalidades comuns na pedagogia dos alunos, em razão da solidariedade e constituição humana, tendo em vista a formação de um ser humano crítico com potencialidades no convívio social.

8 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar o *bullying* no contexto escolar e suas consequências no processo de ensino e aprendizagem na escola Unidade Integrada Alexandre Costa.

Dessa forma, mediante a pesquisa efetivada, os resultados contribuíram para a compreensão acerca dos conflitos vivenciados na escola, pois por meio desta investigação constatou-se que não existe falta de compromisso da família, da escola e nem do professor. Entretanto, notou-se fragilidades no trato com os problemas de violência no contexto escolar.

Averiguou-se que há uma preocupação dos profissionais da escola em efetivar ações de socialização entre todos. Entretanto, as opiniões defendidas precisam ser mais consistentes, ou seja, a escola precisa desenvolver projetos com o envolvimento de outros profissionais, uma vez que a realidade da violência nas escolas é algo bastante sério e preocupante.

É notório que a escola precisa aprimorar sua postura diante do fenômeno *bullying.* A violência no espaço escolar ultrapassa esse setor, exigindo de todos os sujeitos mais atitudes, isto é, faz-se necessárias medidas com a participação de outros setores públicos, com a intenção de conter atos agressivos nos vários ambientes da sociedade.

A escola em parceria com a família e a comunidade local deve promover práticas que estimulem os alunos a agirem de maneira respeitosa e solidária. A formação continuada dos professores também deve ganhar destaque para a capacitação de profissionais aptos a atuarem de maneira equilibrada e eficaz na solução dos problemas.

Percebeu-se que o gestor, supervisor e os professores que participaram desta pesquisa entendem a definição e consequências do *bullying*, tendo em vista que participaram de debates sobre o assunto, bem como apresentaram sua concepções correlatas. No entanto, é importante frisar que apenas a compreensão do assunto não é o suficiente. É necessário sobretudo saber atuar nos momentos oportunos, no entanto todos os professores entrevistados se sentem inseguros nessa atuação. O que constitui um desafio a ser superado.

Desse modo, a contribuição desta pesquisa é despertar o docente para refletir sobre o fenômeno *bullying*; é chamar a atenção da escola para a seriedade

do problema; é sugerir a elaboração de projetos para a prevenção e o combate às questões levantadas neste estudo; é compreender a dimensão da problemática e incitar a participação social no enfrentamento às práticas de *bullying.*

A realização desta pesquisa permitiu o contato direto com os alunos, possibilitando entender a realidade vivida por eles, tendo em vista que o *bullying* é um problema que acontece no interior das escolas e, para combatê-lo, faz-se necessário detectá-lo para em seguida fazer intervenção, impedindo situações de aflição e danos pedagógicos aos envolvidos.

Conclui-se que, debater o *bullying* no ambiente escolar, é de suma importância para a conscientização não apenas dos profissionais envolvidos com as ações educativas na escola, mas também da família e dos próprios estudantes. A informação é um condutor importante na resolução dos problemas.

Em suma, acredita-se que existem inúmeras maneiras de prevenir ou combater a violência na escola, dentre elas, o desenvolvimento de políticas públicas, pois os alunos que agem violentamente precisam de uma atenção especial. É sumariamente necessária a atuação de todos os setores sociais, de todos os agentes responsáveis pela formação cidadã dos alunos. Não dá atenção aos atos violentos praticados por crianças ou adolescentes pode representar consequências irreversíveis para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian et al. **Escola e violência**. Brasília: Unesco, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.** Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Brasília, 2015

_____. **Estatuto da criança e do adolescente** (1990). Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 12. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

COSTA, T. P. et. al. **A função do educador físico no enfrentamento do fenômeno *bullyng* no âmbito escolar.** Disponível em:<https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas_e_saude/article/viewFile/237/143>. Acesso em: 08 out. 2018

COUTINHO, Ângela Araujo; RIBEIRO, Mirian dos Santos; BARRETO, Valdineide Barauna. **Serviço Social e família:** as contribuições da atuação profissional do Serviço Social para a efetivação da participação familiar no acompanhamento educativo. In: SILVA, Marcela Mary José (org). Serviço Social na Educação: teoria e prática. Campinas, SP: Papel Social, 2012.

CNJ, Conselho Nacional de Justiça. ***Bullying*:** Cartilha 2010, junho/julho 2010.

DESSEN, Maria Auxiliadora. POLÔNIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento.** Universidade de Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <Brasilhttp://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf.>. Acesso em 10 out. 2018

FANTE, Cléo. **Fenômeno *bullying***: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

_____. ***Bullying*:** o outro lado da escola, Revista mente&cérebro. ed. n. 4. 2008.

_____. **Fenômeno *bullying*:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7. ed. Campinas: verus, 2012.

_____. ***Bullying* no ambiente escolar**. Disponível em: <http://inov.org.br/site/artigos/9.pdf> Acesso em: 10 dez. 2017

_____. **Programa de enfrentamento ao *Bullying* no ambiente escolar**: campanha Aprender sem medo 1a. impressão. 6.000 exemplares. Plan Brasil. São Luis, MA: Fábrika Comunicação Impressão, 2010.

FERREIRA, J. M. e TAVARES, H. M. ***Bullying* no ambiente escolar.** Disponível em: <http://www.catolicaonline.com.br/revistacatolica/artigosv1n2/15-PEDAGOGIA04. pdf.>. 2009

FERNANDES, G.; et al. ***Bullying*** **no ambiente escolar:** o papel do professor e da escola como promotores de resiliência. Disponível em: <file:///C:/Users/MI%20PC/Downloads/27701-146246-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas "estado da arte".** Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018

FRICK, Loriane Trombini. **Estratégias de prevenção e contenção do *bullying* nas escolas:** as propostas governamentais e de pesquisa no brasil e na Espanha. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136467/frick_lt_dr_prud.pdf?sequence=3>. Acesso em 08 out. 2018

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2011.

MAGRO, A. N.; TREVISOL, M. T. C. **Escola, família e a construção de valores:** um estudo a partir da ótica de pais e profissionais da educação. Disponível em: <file:///c:/users/mi%20pc/downloads/482-1235-1-sm.pdf>. Acesso em 12 out. 2018

MARCOLINO, E. C; et. al. ***Bullying***: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escola. [Online] 2018, vol.27, n.1, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072018000100304&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 08 out. 2018

MORAES, S. G.; FERREIRA, M. E. **(In)disciplina no contexto escolar:** reflexões sobre a escola. Disponível em: <http://portaleducacao.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2012/10/InDisciplina.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018

MOREIRA, Bernadete S. **A linguagem corporal:** formas negociadas contra agressões do meio. In: MEDRADO, H. (Org.) Violência nas escolas. Sorocaba: Editora Minelli, 2010.

MILLIANTE, A. R.; et al. **Violência na escola:** refletindo sobre o *bullying*. Disponível em: <file:///C:/Users/MI%20PC/Downloads/VIOLENCIA%20NA%20ESCOLA%20REFLETINDO%20SOBRE%20O%20BULLYING.pdf>. Acesso em 08 out. 2018

PAVAN, Luciana. **O papel do professor diante do *bullying* em sala de aula**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte".** Diálogos Educacionais, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.
SCHULTZ, N. C. W. et al. **A compreensão sistêmica do *bullying***. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012.

SILVA, J. L. B.; et al. ***Bullying*** **na escola**: uma revisão literária. v. 2 (2017) Disponível: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/234>. Acesso em 08 out. 2018

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. ***Bullying***: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUSA, Mirian Rodrigues de. **VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS:** causas e consequências. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação. Ano 2, n. 2. (2008). Disponível em: <http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/artigo%20viol%c3%8ancia%20nas%20escolas%20-%20causas%20e%20consequ%c3%8ancias.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018

SOUSA, H. N. et. al. ***BULLYING***: novo desafio para as escolas. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/cdvjornada/jornada_eixo_2011/poder_violencia_e_politicas_publicas/bullying_novo_desafio_para_as_escolas.pdf>. Acesso em 01 out. 2018

TAUIL, L. C; PAULA, R. G. F. C.; COSTA, T. F. R. **Bullying na escola e na sociedade moderna**. São Paulo: Instituto de Educação Boni Consilii, 2009.

TENORIO, Inês de Moura; PIMENTEL, Melina. **Conceituando violência.** Disponível em: <http://portalsocial.sedsdh.pe.gov.br/sigas/ead/old/arquivos/tematica04/CONCEITUANDO%20A%20VIOLENCIA%20-%20TURMA%2008%20-%20TEXTO%201.pdf.>. Acesso em: 10 out. 2018

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: uma construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 2011.

VASCONCELOS. Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar:** fundamentos para o trabalho docente. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

YUNES, M. A. M.; FERNANDES. G.; WESCHENFELDER. **Intervenções psicoeducacionais positivas para promoção de resiliência:** o profissional da educação como tutor de desenvolvimento. Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 83-92, jan.-abr. 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/29766/16850>. Acesso em 10 out. 2018

ZEQUINÃO, M. A; et al. ***Bullying*** **escolar:** um fenômeno multifacetado. Edu. Pesqui. [Online]. 2016, v. 42, n.1, pp. 181-198. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022016000100181&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 out. 2018